BIZZ

SÓ AQUI:
ENTREVISTA
PINK FLOYD !

METALLICA

Bicho Solto em
São Francisco

EDITORA AZUL

5561 - ANO 10 / Nº 6 - EDIÇÃO 107 - 3,25 URV
ISSN 0104-1649

GILBERTO GIL • BEATLES • ESTILO RAP • BRYAN ADAMS

CD • K7 • LP

Sony Music

AGORA

BIQUINI CAVADÃO ESTÁ LANÇANDO SEU NOVO DISCO

AGORA

VÁ BUSCAR O SEU

AGORA

editorial

Reprodução/capa do disco *O Mistério do Canto Gregoriano*, PolyGram, gravado em 1969, relançado agora com o repentino sucesso do gênero

Só eu (e a torcida do Flamengo) costumamos acreditar que... "o mundo da música funciona como um reloginho (suíço), com todas as cartas (marcadas) sobre a mesa (redonda) do sistema (opressor)". Lamento a possível decepção, mas não é bem assim (ou assado).

O mais assombroso sinal de que alguma coisa ainda pode estar fora da ordem veio com os monges de um certo Monastério Beneditino de Santo Domingo de Silos. Quem, de bom juízo, arriscaria dizer que um disco de canto gregoriano chegaria aos primeiros lugares da parada pop? Que é isso? Os cabeças das grandes gravadoras, os produtores, os estrategistas, os divulgadores, as revistas especializadas, as rádios, tudo e todos acompanhando o jogo deste lado do campo e de repente... o gol acontece do lado de lá!

A resposta para esse "mistério" do canto gregoriano pode estar na mecânica quântica, assunto esquisito mas fundamental, que agora ocupa os disquetes de Gilberto Gil. Pode estar na explosão do rap, na velha e boa música do Pink Floyd, nos caprichos de um superstar como Bryan Adams, em mais um revival dos Beatles ou no movimento pendular da amídala de James Hetfield, esse fabuloso gritão. Quer dizer, as senhas podem estar em qualquer lugar – só depende de onde e como olhamos. Ou E não é igual a mc^2?

Mandarei postais.

Otávio Rodrigues

BIZZ

Ano 10 – Nº 6 – Edição 107 – Junho, 1994

14
A trilha de *Backbeat* traz a BEATLEMANIA de volta

16
Conheça a intimidade de BRYAN ADAMS, um tímido fazedor de sucessos

20
Exclusivo: DAVID GILMOUR revela como foi feito *The Division Bell*, o novo álbum do Floyd

24
GILBERTO GIL dá uma aula de educação física

28
BOLA NA CLAVE: música e futebol entram em campo

32
METALLICA, a banda de metal mais respeitada do mundo, abre uma exceção em sua greve de silêncio, fala sobre a nova turnê e a prisão de James Hetfield

38
ESTILO: o que pensam e vestem os rappers brasileiros

Foto de Capa Ross Halfin

este mês

Brian Aris / Camera Press

SHOWBIZZ

6 Regininha faz gostoso no telefone
7 Kiss e Slayer juntos no Brasil
8 Próximas atrações: Rolling Stones, Guru e Björk
9 Mike Patton se casa e o Jualê bronqueia contra o pó
10 Atrações do Lollapalooza, Carlinhos Brown
11 Incrível: mostramos a filha de Debbie Harry
12 Dois *bluesmen:* Ted Hawkins e Gláuber Guimarães
13 Pearl Jam perto do fim

LANÇAMENTOS

60 Pantera
62 Casseta & Planeta, DFC, Counting Crows...
63 Paralamas, X-Rated, Shaquille O'Neal...
64 John Hammond, Breeders, The Benedictine Monks Of Santo Domingo de Silos, Pat Metheny
65 Beck e *Index*
66 *Parada*, *Bolsa de Discos* e *Arquivo Pessoal*

REPLAY

68 Johnny Winter, Curtis Mayfield, Motörhead e Hüsker Dü

ZONA FRANCA

72 Lua, Smithreens, Hole, D;REAM

MIX

76 O mundo das drogas, o rap chegando lá etc

CARTAS

78 Os fãs de Kurt Cobain choram a morte do ídolo

DISCOTECA BÁSICA

82 *40 Greatest Hits*, de Hank Williams

Do rock ao rap. Do funk ao punk. A maior variedade de estilos, as mais diversas bandas nacionais e internacionais. Tudo separado por ordem alfabética. CD's de A a Z a preços de LP.

PLAZA

eldorado

Bom gosto é o nosso departamento.

BETTER

Show b

Regininha ensina tudo por telefone

Foto - Sérgio Nedal

i z z

outras provas de que a voz não é tudo

"Quanto maior o seu peru, e se você apalpar, ele vai ficar melhor para assar... Todo mundo que come o que eu faço adora...".Essa é a Regininha (ex-Poltergeist) dando a receita do "Peru Love Me Tender" (uma homenagem a Elvis Presley). É que além de aspirante a cantora, a loira inaugurou um daqueles serviços telefônicos, só em São Paulo (011/900-0555). Para homenageá-la, escolhemos outras três damas que além das virtudes físicas costumam cantar nas horas vagas: no sentido horário, Cindy Crawford (sondada para cantar com Prince), a quarentona Cher e Milla Jovovich (do filme *De Volta À Lagoa Azul*, agora quase uma cantora folk).

OUÇA ESSA

"Eu não tenho muito tempo para sair à procura de mulheres. Eu até esqueci como ser íntimo de uma."
• *Henry Rollins*, vocalista e líder da Rollins Band na Kerrang!

"As pessoas vêem nossas brigas, abuso de drogas, loucura. A última coisa em que pensam é na música."
• *Jimmy Chamberlin*, baterista do Smashing Pumpkins, em entrevista à Rolling Stone

"Não sei para onde iremos. Talvez a lugar nenhum.... Eu só quero morar numa caverna com a minha namorada. Acho que não vou mostrar minha cara por algum tempo."
• *Eddie Vedder*, vocalista do Pearl Jam, sobre um possível final da banda, no semanário Melody Maker

Gostaria de agradecer meu produtor Nellee Hopper... e Magnus Magnusson, aquele cara "gritão" do Sugarcubes, por me deixar sozinha."
• *Björk*, na revista Q, quando recebeu os prêmios de melhor vocalista feminina internacional e melhor revelação internacional, na entrega do British Awards .

KISS E SLAYER juntos no Brasil

O **Monsters Of Rock**, um dos festivais mais importantes do mundo, que rola durante junho na Inglaterra, finalmente chega ao Brasil. A detonação vai rolar em agosto em São Paulo e Curitiba. A Water Brothers, empresa que organiza o evento, confirmou os nomes de Kiss, Slayer, Suicidal Tendencies e Black Sabbath. Segundo a produtora, as bandas devem fazer uma turnê no esquema de rodízio por outras capitais do país. Exemplo: enquanto o Kiss toca segunda no Rio, o Slayer estaria se apresentando em Porto Alegre e assim por diante nos outros dias da semana.

LFI

Os ex-mascarados do Kiss, no Brasil a partir de agosto

EM BREVE
num Palco perto de você

ROLLING STONES

Os *glimmer twins* Mick Jagger & Keith Richards chegam ao Brasil em fevereiro de 95 para uma única apresentação no Hollywood Rock , que muda de data apenas para receber a banda. O show – único, por sinal – terá abertura do Counting Crows. *Voodoo Longue*, o novo disco dos Rolling Stones, foi gravado no Windmill Lane – o mesmo estúdio em que o U2 gravou a maioria de seus álbuns – e produzido por Don Was. É o primeiro lançamento dos Stones pela Virgin Records – que arrematou o passe deles por cerca de 30 milhões de dólares – e também o primeiro sem o baixista original, Bill Wyman, substituído por Darryl Jones (ex-Sting e Miles Davis).

Larry Busacca / RETNA

Richards & Jagger anunciam a volta à estrada do rock

Será que veremos esse sorriso ao vivo?

BJÖRK

A islandesinha promete desembarcar em janeiro do ano que vem para alguns shows. "Recebi alguns convites e pretendo aceitar. Estou muito interessada no Brasil", diz Björk, que ainda não sabe as datas e locais da apresentação. A cantora fez parte dos Sugarcubes, grupo de relativo sucesso nos anos 80. Hoje ela diz que tudo não passava de "uma brincadeira". gosta de misturar ritmos e instrumentos de vários países em seu som – como foi percebido no álbum Debut. "Minha banda, por exemplo, tem pessoas de vários países". Björk no momento trabalha em trilhas de cinema e em seu novo disco, que deve estar pronto ano que vem.

DIVULGAÇÃO

GURU

A categoria do jazz a serviço do rap

O Free Jazz Festival, que acontece em outubro no Palace, reservou uma de suas noites para o jazz-rap. Os grupos Digable Planets (que tem a brasileira Ladybugh, entre seus integrantes) e Us3 estão praticamente confirmados. A produção está correndo atrás do maior nome do gênero: o rapper **Guru** (foto) .

o reggae contra a cocaína

Foto: Rui Mendes

Nem só de maré mansa vive o reggae. O **Jualê**, um grupo de reggae paulista que mistura o ritmo jamaicano com samba, declara guerra à cocaína em "Dub da Farinha", faixa de seu primeiro disco (distribuição Radical Fonográfico fone 011/8642602). "Farinha, só em casa e misturada no feijão", despista o guitarrista da banda, Toninho Crespo. A tática deu certo: o refrão "não entra nessa não" vem sendo bastante cantado pela galera nos shows do Jualê. Além de "Dub", o disco da banda tem outras faixas com mensagens político-sociais e misturas gerais. Como "Reggae Por Nós" e "A Mesma Cena Se Repete", onde o vocalista Toninho Crespo se encarrega da função de DJ.

casamentos no faith no more

Niels Van Iperen / RETNA

Patton encontrou uma louca, italiana

O cupido flechou o Faith No More. Duas vezes! Primeiro foi **Mike Patton** (foto), que casou com a italiana Titi no final do ano passado. Depois foi a vez do baterista **Mike Bordin** subir ao altar com Marilee, em meados de abril. Em julho eles se trancarão num estúdio com o resto do Faith No More para gravar um novo álbum. Sem guitarrista fixo no lugar de Jimi Martin, o FNM trabalhará em estúdio com Trey, do Mr. Bungle. "Mas ele não é um membro oficial da banda", alertam os empresários do Faith No More. O disco novo sai antes do final do ano.

George Clinton garante o balanço no festival americano

Lollapalooza dá grana para a Amazônia

Começa dia 6 de julho em Las Vegas o quarto Lollapalooza, festival alternativo que vai passar por mais de 30 cidades do Estados Unidos e Canadá e dura quase dois meses. A organização diz que uma parte do dinheiro arrecadado será revertida pra compra de um terreno na floresta Amazônica a fim de criar um santuário ecológico. Aí vai um pequeno perfil dos oito grupos que vão tocar este ano.

SMASHING PUMPKINS – o grupo metal-punk-psicodélico de Billy Corgan vendeu um milhão de cópias do disco *Siamese Dream*. Quando estão inspirados fazem um bom show, mas quando se metem a "viajar" em longos solos, é duro de aturar.

BEASTIE BOYS – costumam ser chatos ao vivo e rendem muito melhor em palcos pequenos. Novo disco: *Ill Comunication*.

GEORGE CLINTON – papa do funk, ídolo dos Chili Peppers, fundador do Parliament. Deverá ser tradado com reverência.

BREEDERS – "Cannonball" vai levantar a massa. São boas ao vivo.

L7 – sua mistura de metal e punk costuma provocar uma roda de mosh de tamanho faraônico. Diversão garantida.

NICK CAVE – é temeroso botá-lo pra tocar num lugar tão grande.

A TRIBE CALLED QUEST – garante o lugar do rap no festival. Donos de um som "light", devem agradar.

BOREDOMS – eis a grande incógnita. Trata-se de grupo japonês bem esquisitão, que faz um som *noise* e que canta em uma língua inventada por eles próprios. Pode chover lata.

TIMBALADA MILIONÁRIA

O timbaleiro-mor **Carlinhos Brown** acertou os ponteiros com a EMI & Virgin pra gravar três discos-solos. Ele esconde o jogo quando o assunto é grana, mas com o duplo contrato torna-se o primeiro brasileiro a ter seus discos lançados simultaneamente no Brasil, América Latina, Europa, EUA, Canadá e Japão. Nada mau pra quem, há quatro anos, teve de vender seu fusquinha pra comprar os instrumentos da Timbalada. Carlinhos já enviou uma demo para Paris e deve contar com participações de Vernon Reid (Living Colour) e Naná Vasconcelos nas gravações. Sobre o som, Brown adianta: "Não vai ser nada parecido com a Timbalada, é outra história. Vai estar mais para o que fiz com Sérgio Mendes, remoendo funk, rap, afro MPB. Algo pop". Antes do disco ele manda uma versão de "Detalhes" para um disco em homenagem a Roberto Carlos a ser produzido por Robert Frejat (Barão Vermelho).

Carlinhos mete a mão na grana que vai receber da EMI

A filha mais gostosa de Debbie Harry

Jay Strauss

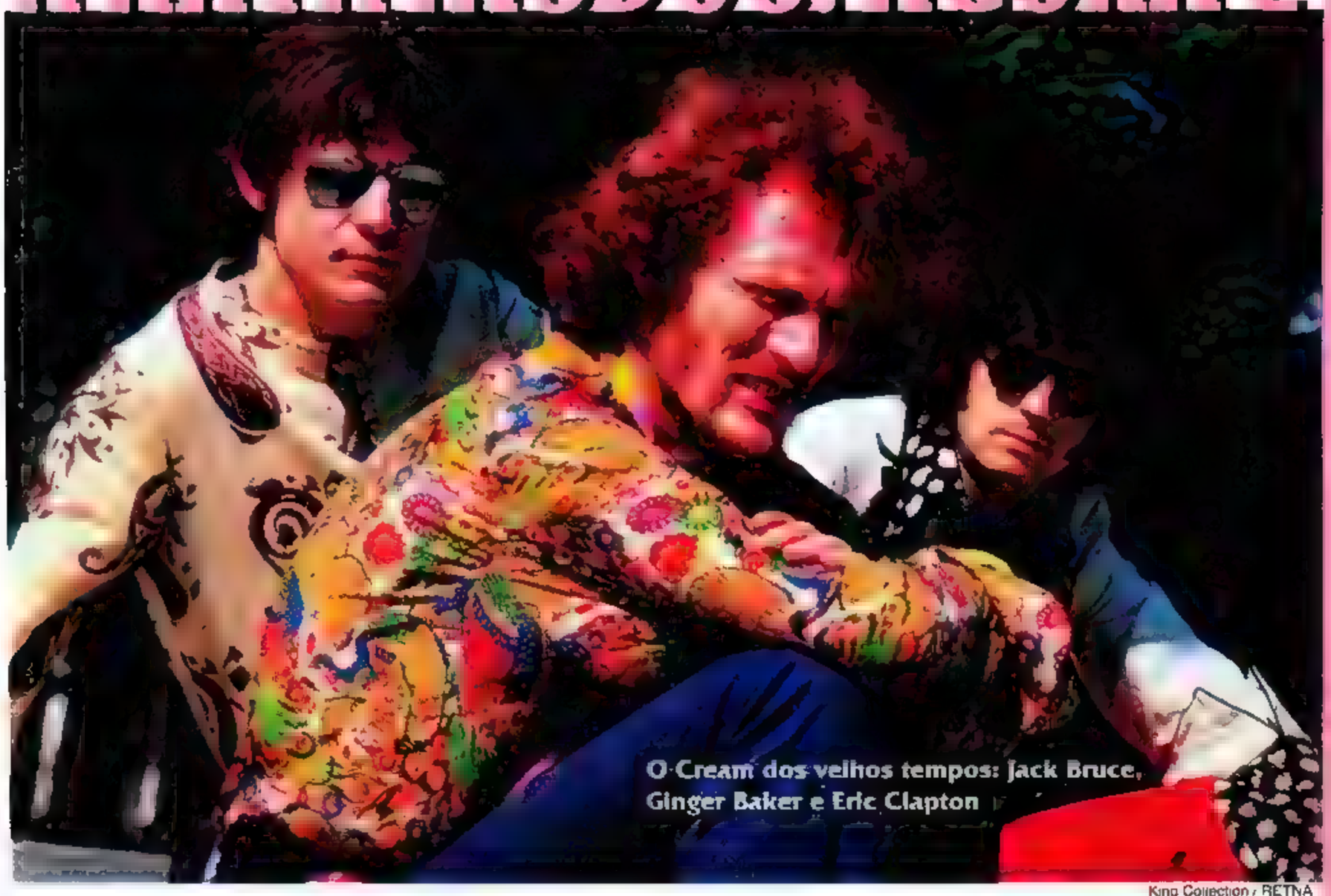
Pans

Dois momentos da loiraça Colleen: com a galera do Eve's Plum e ao lado da "mamãe" Debbie Harry em Hairspray

Debbie Harry tem uma filha que canta numa banda de rock. Colleen, uma loiraça de 24 anos, interpretou a pimpolha da ex-Blondie no filme Hairspray, de John Waters e hoje canta na banda Eve's Plum.

"Foi divertido trabalhar com Debbie. Naquela época eu era dançarina e o filme foi apenas uma brincadeira", diz Colleen, em entrevista exclusiva à BIZZ de sua casa em Nova York. "Muitas pessoas chegam até a comparar a minha voz com a dela". O Eve's Plum surgiu a partir de um anúncio que Michael (guitarra) e Ben (bateria) colocaram no jornal Village Voice. Encontraram Colleen que, além de cantar, definiu a sonoridade da banda. "Sempre quis fazer um som pop, mas pesado. Você pode sentir isso em nosso álbum Envy e principalmente nos nossos shows". Entre as covers que o Eve's Plum detona em seus shows – bastante festivos na opinião de Colleen – estão "I Will Survive", hino gay de Gloria Gaynor, tocado numa versão mais pesada. E "Surrender", do Cheap Trick, onde a vocalista assume as baquetas. O disco ainda conta com a participação de Don Fleming (do Gumball) em "Believable". "Michael não gostou do solo que ele deu à música e chamou Don, que é nosso amigo, pra fazê-lo. A gente gostou tanto da participação dele que Don tocou em outra música, 'Twisted', que saiu apenas em compacto", diz Colleen. Um novo disco do Eve's Plum está marcado para a metade deste ano e, quem sabe, participações em festivais europeus.

A NATA MUDOU, AGORA É BBM



O Cream dos velhos tempos: Jack Bruce, Ginger Baker e Eric Clapton

King Collection / RETNA

Uma das maiores bandas dos anos 60 e considerado por muitos como os precursores do heavy metal, o **Cream** (em português, "Nata") gravou quatro discos e encerrou suas atividades em 69. Agora o baixista Jack Bruce e o baterista Ginger Baker decidiram voltar e chamaram para o lugar de Eric Clapton o guitarrista irlandês Gary Moore. A banda – que agora se chama **BBM** – deve fazer sua estréia no próximo dia 26 de junho, em Wembley, num concerto em homenagem ao centenário das guitarras Gibson. O trio não descarta a idéia de fazer algumas apresentações antes da festa no Brixton Academy, em Londres.

CALÇADÃO DA FAMA

Espécie de "João da Pêra" gringo, Ted acabou descolando uma gravadora grande

DIVULGAÇÃO

A mais nova contratação da Geffen Records – o mesmo selo rock'n'roll que representa Guns N' Roses e Nirvana – tem 57 anos de idade e carrega na voz e em suas canções o sofrimento e a sabedoria de uma infância doída e solitária, longas temporadas na prisão e ciclos constantes de fama *cult* e esquecimento.

Trata-se de **Ted Hawkins**, negro alto e musculoso, barba e cabelos aparados e brancos, que pode ser visto todos os fins-de-semana no calçadão de Venice, sempre tocando seu violão com luva de couro protegendo a mão esquerda e marcando o ritmo com o pé numa tábua de madeira, enquanto canta canções originais e covers com seu barítono rascante, aparentado com o de Sam Cooke.

O primeiro álbum de Ted na Geffen, *The Next Hundred Years*, reproduz e elabora o repertório dos shows dele ao ar livre: composições próprias, como "Biloxi" e "Strange Glass" , além de covers arrepiantes como "I Can See The Light" (superior à do Credence Clearwater Revival).

Se *The Next Hundred Years* não der certo, não será um baque para Ted. Depois de ter virado ídolo na Inglaterra na década passada, ele caiu de novo no esquecimento e retomou sua rotina sul-californiana, pegando um ônibus todos os sábados e domingos em Inglewoode saltando em Venice, onde geralmente toca para platéias de 150 pessoas.

ACARAJÉ BLUES

Alice Ramos

Glauber, o blueseiro do axé

Que o Mississipi e Chicago sejam em Salvador é algo improvável. Será? Nos últimos três anos o número de blueseiros baianos tem aumentado muito e já se pode falar numa cena local do gênero, com destaque pro *teen* **Gláuber Guimarães**. Em abril ele agitou o primeiro festival de blues da cidade, com quatro semanas lotadas num shopping e o encerramento com André Christovan. Para os que estranham que, com apenas 17 anos, Gláuber Guimarães seja compositor ele não titubeia: "O tempo traz experiência, mas o importante mesmo é ter familiaridade e conhecer o blues". Nas 'horas vagas', o cara troca de pele e vira Mosckabilly, vocalista da banda de psychobilly Dead Billies.

PEGARAM EXTREME PRA CRISTO

Gary Cherone, vocalista da banda de rock Extreme, fez o papel de Jesus Cristo (com direito a crucificação e tudo) na peça *Jesus Cristo Superstar*. O espetáculo foi produzido pela Ópera Rock de Boston e ainda teve os roqueiros das bandas Big Dipper e Del Fuegos. "Quando eu era uma criança na década de 70 eu sempre adorei a música dessa peça", explicou Cherone.

"O último show do Pearl Jam"

A morte de Kurt Cobain abalou a galera do Pearl Jam

RETNA

Parece que o suicídio de Kurt Cobain não mexeu só com o futuro do Nirvana. Sua morte também balançou com a cabeça de **Eddie Vedder**, vocalista do Pearl Jam. No último show da turnê americana, o vocalista declarou ao público que não sabe se agüenta por muito tempo: "Este pode ser nosso último show. A morte de Kurt mudou tudo. Não sei se ainda sou capaz". Na noite anterior, o Pearl Jam fez uma rápida aparição no programa de auditório americano *Saturday Night Live*. A banda tocou "Daughter", dando gancho à "Hey Hey, My My (Into The Black)", clássico de Neil Young. Essa música teria inspirado a referência "É melhor morrer do que definhar" na carta-suicídio de Kurt Cobain. A influência de Kurt na atitude de Vedder desmistifica a suposta rivalidade entre o Nirvana e o Pearl Jam, sempre polemizada pela imprensa americana.

AJUDA PRECIOSA

A galera do reggae brasileiro começou a pensar alto. O disco de estréia do Rappa será mixado por **Dennis Bovell**. O cara é figurinha carimbada no mundo do reggae por causa de seus trabalhos ao lado do poeta *dub* Linton Kwesi Johnson. Já o Skank não pensa pequeno: o segundo álbum dos *reggaemen* mineiros será produzido por **Sly Dunbar**, ex-baterista de Peter Tosh e lendário produtor de reggae responsável por *Tease Me*, da dupla Chaka Demus & Pliers.

JOE PASS 1929 - 1994

A lenda do jazz que dá adeus. O guitarrista americano Joe Pass, de 65 anos, morreu em 23 de maio depois de uma longa batalha contra o câncer. Pass começou sua carreira na década de 40 mas só veio a gravar seu primeiro disco em 61. Trabalhou ao lado de grandes nomes do jazz como Oscar Peterson, Duke Ellington e Dizzy Gillespie. Fã de música brasileira – nos visitou em 78 e 87 – homenageou o país em seus discos *Brazil!* e *Tudo Bem*.

Angelo Pastorello

(4)

a volta da beatlemania

O produtor Don Was junta uns bacanas do rock americano pra tocar músicas dos Beatles na trilha do filme *Backbeat*

Don Was está com tudo e não está prosa. O baixista do Was Not Was é hoje o produtor Número 1 dos Estados Unidos e pode ser visto à frente dos projetos mais importantes: organizando e regendo a banda de superestrelas que homenageou Curtis Mayfield no Grammy deste ano, produzindo o novo disco dos Rolling Stones que sai em setembro e trabalhando n a trilha de *Backbeat* (no Brasil em agosto com o nome de *Os Cinco Rapazes de Liverpool*), recém-lançado filme sobre Stu Stucliffe, o baixista original dos Beatles que deixou a banda e morreu antes do sucesso, no início dos anos 60. "Nem sei porque me chamaram pra fazer essa trilha", diz Don em sua casa num subúrbio de Los Angeles. "De início, antes de qualquer contato, fiquei meio cabreiro *(com o projeto)*, porque achei que poderia resultar numa exploração grosseira dos Beatles. Quer dizer, havia esse potencial. Mas depois de conversar com o diretor e o produtor esses temores se dissiparam."

"E aí conversei com Ringo", continua Was. "E ele disse: 'Não tente soar como os discos dos Beatles porque nem os próprios Beatles, naquele tempo *(em que faziam shows em boates em Hamburgo, na Alemanha)*, soavam como os Beatles. Eles eram uma banda de punk crua. Apenas trate de achar *(músicos)* que toquem essas músicas com uma tremenda dose de energia, que tentem capturar o espírito, e não queiram copiar o som". A banda reunida por Was pra ser os Beatles na trilha é um verdadeiro "quem é quem" da linha de frente do rock: Greg Dulli (vocalista do Afghan Whigs), Don Fleming (do Gumball), Dave Grohl (baterista do Nirvana), Mike Mills (baixista do R.E.M.), Thurston Moore (guitarrista e vocalista do Sonic Youth) e Dave Pirner (vocalista e guitarrista do Soul Asylum). Todos, segundo Was, capazes de tocar "como se estivessem prestes a se espatifar numa parede, a toda velocidade."

A escolha das 12 canções que, afinal, compõem a trilha "foi feita de uma maneira egoísta, até certo ponto: selecionei aquelas que representavam a essência da liberdade, da anarquia que cerca o rock'n'roll". As 12 canções utilizadas no filme -como "Money", "Long Tall Sally", "20 Flight Rock" e "Good Molly Miss Molly"- foram pinçadas do repertório superior a 200 canções que os Beatles costumavam misturar nos shows de seu início de carreira. "Eles tocavam coisas ótimas, mas também tocavam um monte de coisas brega *(risos)*". A combinação brega + alternativo + esdrúxulo, porém, acabou ficando de fora trilha: Henry Rollins cantando "Love Me Tender", de Elvis Presley. No filme, a cena é cantada pelo próprio Stephen Dorff, o ator que faz Stucliffe. *José Emilio Rondeau*

E o Iéiéié invadiu o cinema...

Beatles e cinema sempre foram uma combinação explosiva. Muito antes de *Os Cinco Rapazes de Liverpool*, a mais importante banda pop do mundo já tinha sua permanente garimbada nas salas de cinema de todo planeta. Essa intensa relação começou graças ao histórico faro comercial do empresário dos Beatles, Brian Epstein. O ano era 64 e os Fab Four vendiam como água na Inglaterra. Era preciso conquistar a América, e nada melhor que usar o cinema para conseguir isso. Foi fácil alcançar o objetivo com *Os Reis do Iéiéié (A Hard Day's Night)*, um dos filmes mais loucos da história dirigido por Richard Lester. Porém, o êxito de *Socorro! (Help!*, realizado em 65) alcançou proporções ainda maiores. A fórmula do primeiro filme foi aperfeiçoada e encontrou sua roupagem definitiva. Dirigido pelo mesmo Lester, *Socorro!* é uma fábula sem pé nem cabeça, onde o que conta são as irresistíveis canções compostas por Lennon e McCartney e, é claro, a exposição de quatro dos mais famosos rostos da história. Quanto ao enredo do filme, bem, ele é o menos importante. Dois anos depois, veio o psicodélico *Magical Mistery Tour*, uma viagem escrita e dirigida pelos Beatles para a BBC. Tentar encontrar algum nexo no filme é uma tarefa absolutamente inútil.

Os Beatles voltaram à tela pela última vez com *Let It Be*. O filme documenta as sessões de gravações do errático álbum homônimo. Lennon dança com Yoko que irrita McCartney que briga com Harrison que por sua vez assiste Ringo ser chapado da banqueta da bateria. Deprimente, como todos os "cantos do cisne". *Hélio Gomes*

RYAN ADAMS

O SENHOR SUCESSO

O cantor e compositor Bryan Adams é hoje um dos maiores vendedores de discos em todo o mundo.

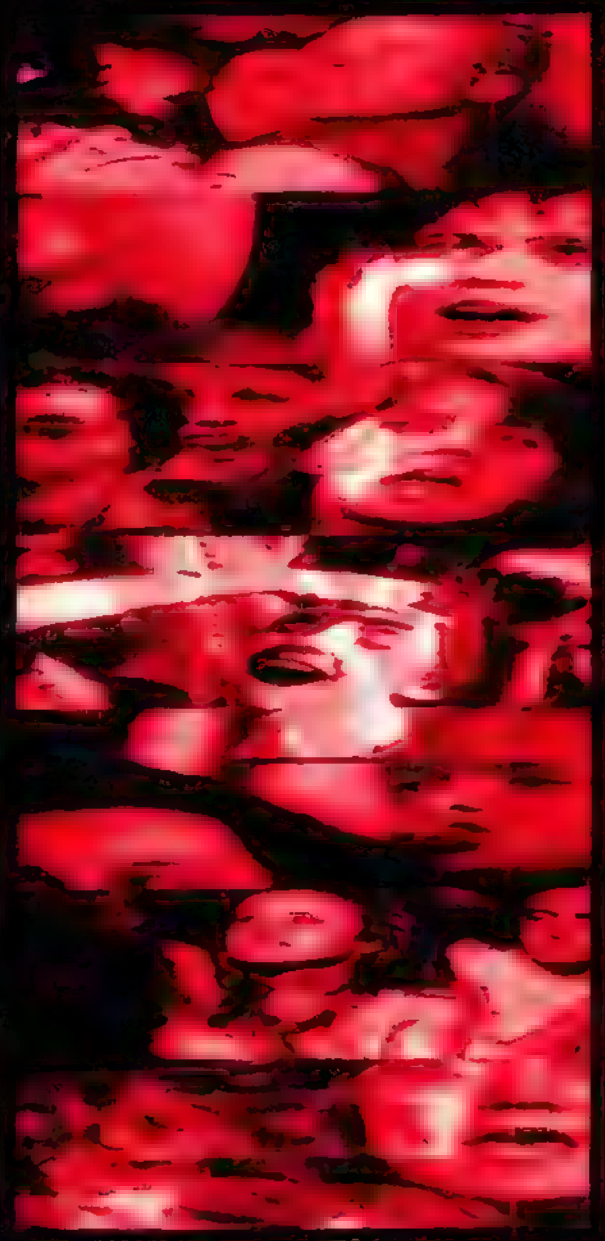
Mas nas sombras, esse superstar é um cara tímido, que chega a desconfiar do próprio sucesso

POR ANAMARIA LEMOS/LONDRES

"A única coisa que quero é fazer música e cantar, muito obrigado!" Mesmo com a barreira dos óculos escuros obrigatórios, dá para perceber o olhar de desgosto: sucesso, fama e dinheiro são assuntos que Bryan Adams prefere evitar. Mas ignorar a questão é quase impossível, considerando-se que este pequeno canadense na minha frente, vestido de preto da cabeça aos pés, almoçando no terraço ensolarado de um hotel londrino, é responsável pela venda de vários milhões de discos. Apesar de ter nascido no Canadá, Bryan Adams é filho de ingleses. Ainda adolescente, começou a tocar músicas de compositores que admirava – gente do calibre de Joe Cocker, Rod Stewart, Tina Turner e Smokey Robinson. Aos 16 anos, se encheu de interpretar as canções alheias e resolveu compor. Logo, outros artistas – nada menos que Kiss, Bonnie Tyler, Bachman Turner Overdrive – estavam interpretando suas músicas. Surpreendentemente, Bryan não costuma se orgulhar disso: "Quase sempre me decepciono com o produto final, por uma razão bastante óbvia: não tenho controle sobre o que os outros fazem com a minha música. No fim das contas, prefiro compor pra mim mesmo. Além do mais, em um ano consigo escrever, no máximo, uma meia dúzia de músicas." Adams acredita mais em suor do que em inspiração. "Compor é um trabalho duro. É necessário muito foco e concentração. Não dá pra ficar esperando uma música simplesmente cair do céu." Sua fórmula está rendendo bons frutos até agora: a coletânea de sucessos *So Far So Good*, lançada no início deste ano, já é um *best-seller* no mundo inteiro. "As pessoas vêm aos shows dessa nossa nova turnê e sempre saem dizendo: 'Puxa, não sabia que você cantava todas aquelas músicas!' A sensação agora é a de fechamento de um ciclo. Lançamos o disco, chegamos até aqui e agora vamos ver o que vai acontecer." Quando cito a música-tema do filme *Robin Hood, O Príncipe Dos Ladrões* – "(Everything I Do) I Do It For You" – como o *single* mais vendido de todos os tempos (na Inglaterra a música ficou no topo das paradas durante vários meses), Adams retruca, meio humilde, meio enraivecido: "Mentira!" Mas como este sucesso todo afetará seu trabalho no futuro? Será que Adams reza a Deus por mais alguns *hits*? Ou será que o sucesso o libera para o famoso "agora-posso-fazer-o-que-quiser"? Ele mesmo responde: "Se você começa a pensar no passado, isso te inibe demais, te atrapalha muito. É bem melhor olhar sempre em frente." E resmunga: "Nunca sei o que dizer quando me perguntam como o sucesso afeta a minha vida. Nunca fui atrás disso, nunca quis ser uma celebridade. Por outro lado, é verdade que as pessoas começam a te tratar de uma maneira, digamos, di-

ferente. Por essas e outras é que tento não aparecer muito." Mas não é praticamente impossível se esconder quando milhões de pessoas compram seus discos e sua gravadora o trata como "prioridade internacional"? Afinal, no mundo do pop nem tudo é música. "Depende do que você quer deste mundo", ele protesta. "A única pressão que sinto vem das pessoas que me empresariam. Eles gostariam que eu desse mais entrevistas. Imagine só que fui convidado para ser 'imortalizado' naquele museu londrino de bonecos de cera, o Madame Tussaud *(risos)*. É lisonjeador, mas não quero que as pessoas conheçam a minha cara, e sim a minha música. Foi por isso que não saiu foto minha na capa do último disco. Conseguir isso foi uma batalha enorme para mim." (Dizem as línguas mais espertas que suas constantes recusas de mostrar o rosto têm algo a ver com as marcas deixadas pela acne na adolescência...)

Na mesma noite em que conversamos, Adams fez, na frente de 11 mil pessoas, aquilo que mais gosta: durante duas horas, ele e sua banda tocaram *hits* e não-*hits*, sempre acompanhados pelo coro incansável dos fãs. Para o bis, eles



se mudaram para um palco menor e mais íntimo, onde passaram mais uma hora (haja fôlego!) caindo no rock'n'roll com clássicos empoeirados como "C'mon Everybody" (de Eddie Cochran) e "Little Red Rooster". Enquanto isso o público cantava, dançava, gritava, ia ao delírio. Cena comum: calcinhas voando em direção ao palco.

Se Adams acha que isso não tem nada a ver com sua cara e sua imagem, ele pode estar seriamente enganado. Após uma semana inteira de shows aqui na Wembley Arena, as barracas de *merchandising* estavam completamente vazias. Os representantes da entidade ecológica Greenpeace – Adams está apoiando uma campanha para a criação de um santuário de baleias – recrutaram centenas de assinaturas.

Depois que as luzes se apagaram, Adams e sua "tripulação" de setenta pessoas seguiram para os Estados Unidos, onde mais uma gigantesca turnê os aguarda. Para alguém que parece relutante em aceitar os adornos e armadilhas do sucesso, Bryan Adams até que conseguiu chegar bem longe fazendo o que quer e gosta. Ele concorda, com um suspiro cansado: "É... Estou tentando!"

OS NÚMEROS DE BRYAN ADAMS

Causas e sintomas de um fenômeno do mercado

8 discos compõem a sua agora concorrida discografia:

- *Brian Adams* (1980)
- *You Want It, You Got It* (1981)
- *Cuts Like a Knife* (1983)
- *Reckless* (1984)
- *Into The Fire* (1987)
- *Live, Live, Live* (Japão, 1989)
- *Waking Up The Neighbours* (1991)
- *So Far So Good* (1993)

34 anos é a idade de Brian Adams. Ele nasceu no dia 5 de novembro de 59

2 músicas suas serviram de trilha para filmes de época:

- "Everything (IDo) For You", de *Robin Hood*
- "I'Do Anything For Love", de *Os Três Mosqueteiros*

12 milhões de cópias foi o que vendeu *Waking Up The Neighbours*, seu disco de maior sucesso

10 milhões é o número de cópias que vendeu até agora a coletânea *So Far So Good*

TÊNIS Categoria de primeira classe se mostra no braço e no pé.

Asics Tournament, projetado para o jogo rápido e preciso.

A fôrma mais a estrutura e o desenho do solado garantem maior estabilidade nas deslizadas e freadas. Asics Tournament é leve e confortável, para você se sentir bem na hora de endurecer o jogo.

A entressola de EVA mais o GEL absorvem os impactos.

O golpe quem leva é o seu adversário.

Asics Tournament. A primeira classe do tênis.

MOSTRE NA QUADRA UM TÊNIS DE PRIMEIRA CLASSE.

asics

BE YOUR BEST.

Ilustração: Rafael Lain

POR QUE OS SINOS DOBRAM

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, DAVID GILMOUR, LÍDER E GUITARRISTA DO PINK FLOYD, COMENTA COMO FORAM AS GRAVAÇÕES DE THE DIVISION BELL, NOVO DISCO DO GRUPO

Em que a gravação desse disco foi diferente dos outros do Pink Floyd?
Você sabe a história. Nos últimos anos nós passamos por todo tipo de altos e baixos, separações e toda aquela coisa. Rick saiu, depois voltou. Roger saiu, não voltou. *Animals* foi um álbum onde Roger e eu estávamos no comando e quase tudo foi escrito em casa, íamos para o estúdio quase só para gravar. Em *The Wall*, mais ainda, o mesmo com *A Momentary Lapse Of Reason*, que não foi um evento cooperativo onde todos deram o máximo. E, neste álbum, eu diria que pela primeira vez desde, talvez, *Wish You Were Here*, houve um esforço conjunto, mais do que qualquer outro disco feito desde então.

Onde e como o álbum *The Division Bell* foi gravado?
Bem, maior parte do disco foi gravado na casa-barco, meu estúdio. Chama-se Astoria, fica no rio Tâmisa, perto de Londres. É um estúdio de gravação incomum, com janelas por toda parte, e tudo o que se pode ver são patos, marrecos e gansos nadando lá fora.

Há uma história circulando sobre uma invasão submarina durante a gravação no Astoria. Vocês tiveram problemas de segurança?
A segurança não foi um grande problema. Houve uma reportagem na imprensa inglesa, mas isso foi uma invenção, na verdade. Uma estação de TV da Inglaterra colocou uma câmara do outro lado do Tâmisa, apontada para nós e vieram bater na nossa porta. Nós dissemos que não tínhamos nada para discutir. Então o repórter vestiu uma roupa de mergulho e nadou até outra casa-barco no rio, fingindo que era a nossa. Acho que fizeram um teipezinho ou alguma coisa. Não sei exatamente o que aconteceu depois disso. Eu nunca vi a reportagem no ar.

Como foi feito o disco?
Começou a ser feito no estúdio do Nick, o Britannia Row Studio em Londres. Foi em janeiro de 94, comigo, Rick, Nick e Guy, baixista da nossa última turnê. Ficamos só improvisando por duas semanas, só tocando o que vinha na cabeça. Então levamos tudo para o Astoria e começamos a ouvir as fitas. Descobrimos que tínhamos 65 pedaços de músicas e mexemos mais nelas. Depois tivemos umas duas sessões que chamamos de *big listen*, onde ouvimos tudo e cada pessoa envolvida no disco votava em qual faixa, ou qual pedaço de música, seria popular para ela. E aí arranjamos esses 65 pedaços por ordem de popularidade entre a banda e dispensamos 40 deles. E assim o processo continuou, com nós trabalhando em cima desses 25 pedaços de música. Gradualmente fomos juntando ou ampliando esses pedaços até finalmente chegarmos a cerca de doze ou quinze coisas que todos gostávamos. No final, uma ou duas delas foram descartadas e nós ficamos com as onze do álbum.

Como vocês chegaram ao título do disco, *The Division Bell* (O Sino Da Divisão)?
O "Sino da Divisão" é um sino que toca em Westiminster, nas Casas do Parlamento, assim que acabam os debates, convocando os membros do Parlamento para votarem. É um sino da divisão porque divide os políticos em sim e não.

Aquela fotografia do encarte tem algum significado?

O guitarrista David Gilmour (aqui ao lado de Brian May, do Queen) tirando da alma os solos que encantam os fãs do Pink Floyd

É a Catedral de Ely, uma cidadezinha perto de Cambridge, de onde eu venho. O que posso dizer? Ficou bom lá.

Storm Thorgeson fez o trabalho de arte de muitos de seus discos e turnês, e agora também está envolvido nesse projeto.
É, desde da Hypgnosis ele está envolvido com a maior parte das nossas coisas dos anos 60; a primeira capa que ele fez foi *A Saucerfull Of Secrets*, em 68.

Você gosta de transformar seus shows em concertos monstruosos?
Sim, eu gosto do jeito do Pink Floyd fazer as coisas. Às vezes eu penso: 'Deus, a gente poderia fazer coisas mais simples!'. Mas há um monte de pessoas que gostam de nos ver ao vivo e... você sabe, preferimos fazer nosso trabalho da melhor maneira possível.

Qual a diferença entre um disco e um show?
Num disco você tenta criar a magia, tocar o coração das pessoas que estão ouvindo o trabalho em suas casas. No show as coisas são bem diferentes. Você tem 50, 60 mil pessoas à sua frente e tenta chamar a atenção delas com uma maneira diferente do que em disco. Elas esperam diversão e entretenimento e essa é a nossa responsabilidade.

Algumas das canções do álbum dão crédito à Polly Samson. Quem é ela?
Polly Samson é minha namorada. Ela é uma jornalista e escritora e estamos juntos há uns dois anos. Nas horas em que não estou no estúdio, estou com ela, que me ajuda muito com a parte das letras.

De quem é a voz em "Keep Talking"?
Não é uma voz verdadeira, é a voz de Stephen Hawkins, o físico de Cambridge que escreveu *Uma Breve História Do Tempo*. É um livro muito, muito popular. Ele sofre de doença neuromotora e está numa cadeira-de-rodas. Ele não pode falar e esta é uma voz sintetizada, saída de um computador que foi construído para ele. Acho que ele só consegue mover um dedo um pouquinho, e ele faz com tudo aquilo. E eu vi um comercial de telefone na televisão inglesa e sua voz estava nesse anúncio. E esse comercial quase me fez chorar. Foi a mais poderosa peça publicitária que eu já vi na minha vida. Eu achei aquilo fascinante, entrei em contato com a companhia que o produziu e pedi aquela voz emprestada. Então coloquei em um dos pedaços de música que já tínhamos e fiquei mexendo com ela durante meses, trocando e mudando de lugar até fazer sentido.

Houve uma canção que não surgiu das *jam sessions*?
"Hig Hopes", que foi a última. Foi escrita depois que todas as outras tinham sido escolhidas. Acho que a escrevi em julho, ou por aí. Foi muito rápido. Eu comecei com um pedacinho da música, só alguns compassos de piano que gravei num cassete. Polly e eu fizemos alguns progressos na letra. É uma canção autobiográfica, sobre minha vida em Cambridge, minha infância. Escrevemos a letra em um dia e fomos para o estúdio e gravei o demo sozinho, tudo num só dia.

Entrevista cedida pela gravadora Sony Music

pop-up

GIL

ENCARNA

EINSTEN,

MERGULHA NO

SUBMUNDO

CÓSMICO E

ACELERA

AS IDÉIAS

ATÔMICAS

DE SEU

PRÓXIMO

DISCO

Em outríssimas palavras, os físicos modernos estão nos dizendo que o submundo atômico esconde um comando organizado, com eficientes sistemas de comunicação, pronto para reagir inteligentemente quando está sendo observado. E que esses elementos se reúnem, mancomunados, movimentam-se ondulatoriamente, transgridem a lei do tempo, materializam-se e desmaterializam-se sob nossas barbas, agindo sempre em cooperativa cumplicidade, mesmo quando pertencem a corpos diferentes. Como partir pra uma entrevista, falando desse assunto, sem na hora encarnar o bicão numa grande festa de partículas?

Na cadeira da frente, apoiado no canto da mesa imensa, está Gilberto Gil, com sua valorosa tropa de átomos sob a camiseta de estilo e uma calça afro. O escritório razoavelmente amplo que ele divide com Caetano Veloso na rua Ataulfo de Paiva, no Leblon, não é bem a tenda de paxás que a gente imagina. Divisórias tão triviais quanto às das repartições públicas, piso de taco mesmo, mesas e estantes econômicas, um computador, telefone KS... Tudo em boa ordem, mas bem simples. Começa a festa.

Você está super interessado em energias subatômicas e quer fazer o próximo disco com essa inspiração.
É, com a rarefação do conhecimento, com a física moderna, a ciência moderna, com essa sutilização da idéia da matéria – o material tendendo para o imaterial – você tá chegando no imponderável. A ciência tá se aproximando da divindade, da idéia dos tijolos da construção, da idéia da unidade construtiva, da unidade factual da matéria. Quer dizer, isso está se diluindo, se diluindo, e o que se tem nas mãos hoje é algo escorregadio como o próprio espírito. Aí você tem de novo a possibilidade de dar ao homem essa imponderabilidade, que é a base do desconhecido, que sempre foi a base do freio, da parcimônia do homem diante do desejo de intervir na matéria, de possuir o conhecimento e de manipular as coisas.

Dois físicos teóricos, raciocinando sobre o universo das partículas, escreveram um livro (*Espaço-Tempo E Além*) pra concluir que a única chance para o ser humano é estarmos cientes da paz. É por aí?
É. Porque tudo isso dá chance novamente aos princípios espirituais, ao desconhecido, ao princípio único que engloba tudo e que exige do homem a atenção e a consideração ao próximo, a idéia da humildade, todas essas coisas que estão na base das religiões. Isso implica na reconstituição, e com isso a recuperação de todos os valores éticos, morais, a participação! O ser humano como participante de uma realidade inesgotável e incomensurável. que não pode ser apreendida pela mente. Isto é um indicador de que a humildade espiritual pode ser restabelecida no homem. E com isso a paz, a possibilidade de convívio, com isso o respeito ao próximo, o respeito à pobreza, o crescimento econômico...

Será que essa reconstituição vai acabar com as imperfeições do homem, a pobreza, as contradições com as quais a gente vive?
Não acho que possa terminar, mas isto vai dar a todas as categorias o seu lugar. A pobreza vai ser respeitada e automaticamente vai se respeitar o pobre, o ser humano. Reintroduzir a dignidade, a caridade, a solidariedade, todas essas coisas que estão perdidas devido a essa idéia de que há uma seleção natural, que vai levar a uma apuração, onde o ótimo e o melhor vão prevalecer, e o que não for o ótimo e o melhor vai desaparecer... Em vez de acabar com as diferenças, você vai respeitá-las. Porque a idéia de se acabar com as diferenças é totalitarista e hegemônica. Ela considera o mérito como um privilégio, uma conquista. Enquanto não é bem assim. Méritos e deméritos têm que ser colocados no mesmo plano. É a coisa da humildade: dá ao saber a humildade que ele precisa.

Essas descobertas surgiram casualmente ou você estava mesmo buscando alguma coisa?
Quando eu era jovem, achava que a ciência caminhava exatamente no sentido oposto à religião, no sentido oposto à materialidade – que era o

por Otávio Rodrigues
fotos Penna Prearo

“Eu tento me colocar no vazio das expectativas”

campo de exploração científica. Com Einsten e o conceito da relatividade, a mecânica quântica, a matemática fractal, a realidade virtual, eu vi que é o contrário: todas as coisas estão caminhando para explicar esse mundo da infinitude de possibilidades. Mas isso é de agora, é recente pra mim.

Mas deve ter havido algum impulso.
Quando soube do pricípio da incerteza, do Heisenberg – tudo na esteira do Einstein – percebi que desde a década de 30 a ciência começou a ter uma aproximação com a religião. Tanto que todos os que contestaram o Einstein achavam que ele queria ser um novo Moisés. E todos comprovaram os princípios religiosos, de que a matéria é espírito denso – tudo isso tem experiência *in vitro*. É Deus se aproximando da idéia humana do material e a gente se aproximando de Deus.

Você não está se esquecendo do brasileiro Mário Schenberg?
Não, eu não tô esquecendo de nada não. Mário Schenberg foi colaborador de Einstein, foi tido como ateu e no final da vida passou a tributar a filosofia oriental. E gostava de candomblé! Foi daí que eu passei a me interessar.

O que você vai fazer com essas descobertas?
Não sei. Tô no meio dessa geléia geral, a esmo. Exatamente: a política é demasiadamente tonal. Claro que ela tem as outras dimensões, mas ela privilegia essa dimensão, na guerra, no choque. Você vive na superfície do impacto o tempo todo! E você tem que ter a postura de alerta máximo, auto-consciência, vigilância constante – vigilância no sentido religioso. A política é o jogo de fazer prevalecer suas expectativas e não prevalecer a expectativa do adversário. É uma guerra, é uma luta. Não tenho muito talento pra isso. Eu entro facilmente em fastio, em situação de náusea, de apatia de ter que entrar naquele jogo fechado da guerra.

Pra você foi uma temporada muito dura.
É, eu perdi um filho nessa trajetória toda, num acidente de carro. Foi uma boa chamada de atenção que a vida me deu. Eu vinha celebrando muito a coisa da carreira.

Me lembrou de novo o Dom Juan, que falava da loucura controlada, do momento em que o filho dele morre num acidente horrível e ele não chora! Ele utiliza aquilo como uma possibilidade de aprendizado, de exercício.
Eu chorei, é tão lindo! Foi uma semana de... não tô me comparando a Dom Juan, mas também naquele momento eu tinha uma noção disso, de que eu devia aproveitar pra fazer aquilo se processar através de um canal não convencional. Na verdade, eu deveria ter genuíno. Depois de alguns dias, ele começou a repetir pela casa o refrão da "Lôraburra". Na nossa noite de Natal, ouvimos João Gilberto, Gil e Caetano e o disco do Gabriel. Seria absurdo se eu ignorasse, ou tratasse com distância. Eu, tropicalista, como iria rejeitar tudo isso, sem o mínimo cuidado?

Mesmo se não gostasse?
Principalmente. Mesmo que eu achasse abominável tudo aquilo que o Gabriel faz, eu teria ainda que dizer "eu gosto que isso tenha aparecido". Além disso ele é realmente engenhoso, é oportuno, ele teve coragem de aproveitar, de trazer um trabalho específico, uma coisa que estava em vários códigos.

Está rolando aí um certo descobrimento das raízes brasileiras.
A Timbalada, por exemplo, tem a ver com o internacionalismo cosmopolita, mas tem uma coisa que é dali, que é a retomada de uma essencialidade local, regional. Nos Raimundos tem, no Chico Science tem. E mesmo em outros grupos que estejam ligados à ortodoxia desse *rock'n'rollismo*. Como os Mulheres Negras. Mesmo aí, você encontra uma injeção nova, uma radicalidade, uma herança interessante tirada do Antunes, do Herbert, tirada de uma radicalidade Hendrix. Aponta pra renovação, novidade, aventura, pra cheiro novo, cheiro de

"Eu não quero esperar nada de mim mesmo"

Tenho recebido várias sugestões, meninos da Unicamp... Percebo como existem várias fontes convergentes, com propósitos sincrônicos. Tem muito a ver com o interesse pelos discos voadores. O que eu me ressinto um pouco é de não estar tendo tempo de me debruçar, de meditar mais sobre isso.

Esse novo disco já está na agenda?
Está programado pra eu entrar em estúdio em agosto, mas o crescimento das expectativas em relação ao disco *Unplugged* podem adiá-lo.

Você espera alguma coisa nova na vida?
Eu não. Eu estava vendo um filme outro dia, os discípulos, japoneses, perguntando ao seu mestre: "O que devemos esperar, mestre, o que devemos esperar, o que devemos esperar? E o mestre insistia em dizer: "Nada, nada e nada". Então é isso, eu tento me colocar o máximo possível dentro desse vazio das expectativas. Eu não quero esperar nada de mim mesmo.

O Dom Juan dos livros de Castañeda falava dos princípios do tonal e do nagual – o tonal, ligado à imagem pública, social, e o nagual à coisa da essência, da verdade de cada um. O desaparecimento do Gil político tem alguma coisa a ver com isso?
deixado aquilo bater em mim da forma mais humana possível. É aquele negócio, como o aprendiz e o discípulo: você sempre fica na posição de contestar o mestre – que é a vida, o mestre maior é a vida! Eu não quis deixar que a experiência se esvaisse na sua forma natural de eliminação, como urinar ou qualquer coisa deste tipo. Eu quis reter um pouco, segurar um pouco a urina da experiência daquela dor. Até porque foi uma semana de espera. A morte e a vida estavam ali, cada uma num prato da balança, e a gente sem saber pra que lado ela ia pender. Mas ao mesmo tempo, hoje em dia, penso assim: se me entregasse ao choro, ao desespero, ao ranger de dentes...

Você tem acompanhado a nova música brasileira, algo te chama a atenção?
O que me chama atenção é o que tem acesso mais geral, o que todo mundo fica sabendo. Eu tenho acompanhado de perto o trabalho da Marisa Monte... O Gabriel eu gosto, gosto bastante do jeito como ele escolhe os temas, como ele pinça e passa as idéias.

Você compraria o disco?
Não sei, mas meu filho de 9 anos comprou e ouvia. E o modo como ele ouvia era diferente. Ele ouvia com um interesse próprio, pessoal, jovem. É jovem, é melhor, tem mais vida pela frente. Ou então eu estaria condenando a geração de meu filho. É tudo um novo maneirismo, uma nova gíria. *Welcome, welcome*, bem-vindo todos! Nisso eu continuo radical, radicalmente a favor.

O TAO DO GIL

ALGUMAS PISTAS PRA ENTENDER ESSE MARACATU ATÔMICO

QUARK • A partícula elementar que forma o núcleo do átomo.
MUNDO SUBATÔMICO • Os melhores livros para os não-iniciados são *Espaço-Tempo E Além* (Bob Toben e Fred Alan Wolf, Cultrix, 192 páginas) e *O Tao da Física* (Fritjof Capra, Cultrix, 260 páginas).
EINSTEN E A TEORIA GERAL DA RELATIVIDADE • O gênio mostrou que espaço e tempo não são absolutos e, por extensão, a verdade na ciência também é falível: tudo depende da perspectiva com que se encara a realidade.
PRINCIPIO DA INCERTEZA • Formulado por Heisenberg, pai da teoria quântica: é impossível determinar, simultaneamente, a posição e o *momentum* (massa x velocidade) de uma particula. Por incrível que pareça, a bichinha "esconde" uma ou outra informação, dependendo de como a observamos.
MARIO SCHENBERG • Fisico nuclear, a quem Gil dedicou a música "Oração Pela Libertação Da África Do Sul" (do disco *Dia Dorim, Noite Neon*).
CARLOS CASTAÑEDA • Autor de *A Erva Do Diabo* e uma série de outros livros sobre experiências místicas e cósmicas, segundo o conhecimento de um velho índio *yaqui* mexicano

assistente de foto/Cacá Diniz

FAZENDO MÚSICA, JOGANDO BOLA

OU: QUANDO OS CRAQUES DO SOM RESOLVEM FALAR DE OUTRA PAIXÃO DA GALERA

Está na hora dessa gente uniformizada mostrar seu valor... na música! Sim, hoje a relação entre música e o popular esporte bretão ultrapassa a barreira de "cantor que foi um mediano jogador de bola" ou "ex-jogador que se arrisca a dar uns passinhos em disco".

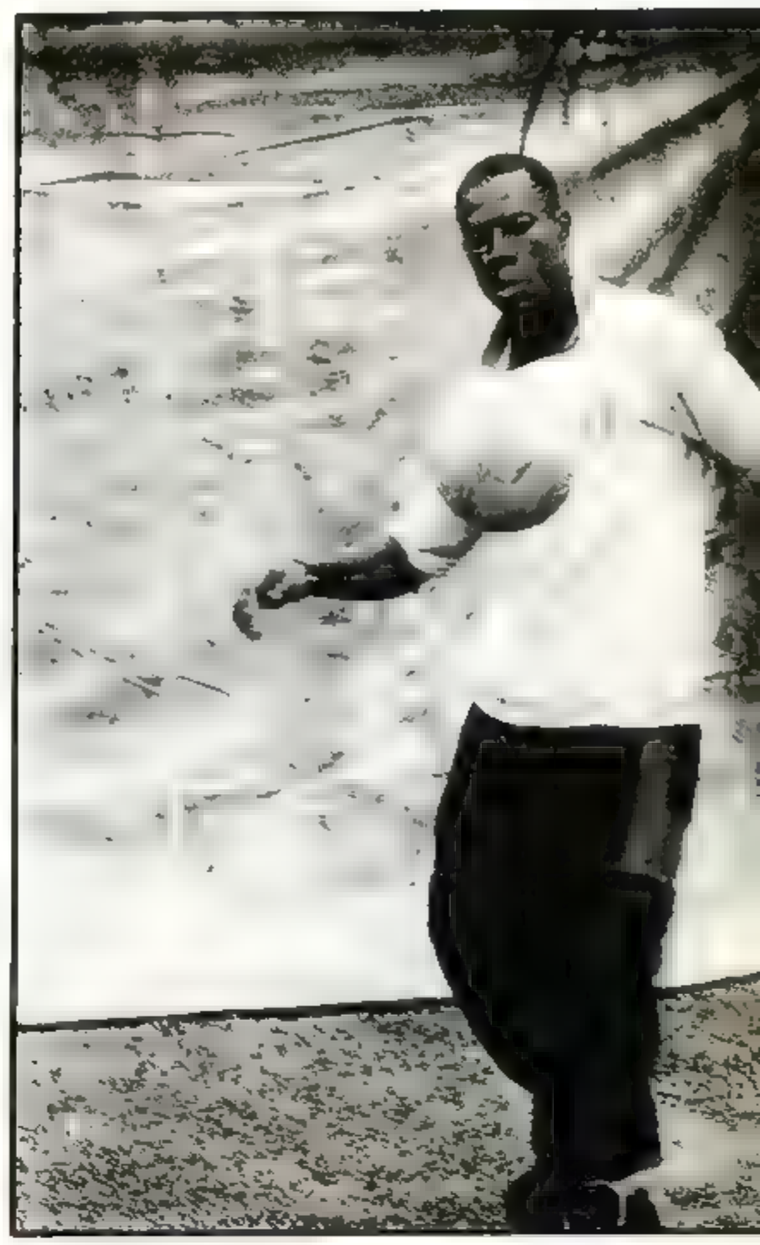
Seigen Ono, guitarrista e tecladista japonês, já trabalhou com os vanguardistas John Lurie e Arto Lindsay, assinou a trilha da peça *Viagem Ao Centro da Terra* e em julho estará nos palcos do Festival de Jazz de Montreaux, Suíça. Ele voltou suas energias para a pesquisa de temas futebolísticos – como bem mostrou no CD *Campeão! Brasil*.

"No Brasil, as músicas que falam sobre futebol são dotadas de uma bela melodia. Pesquisei mais de 200 delas", conta Ono. Acabou gravando, entre outras coisas, "Brasil Pandeiro" e o hino do Corínthians, que são jogados em meio a voz de um locutor narrando gols de Alcindo, Zico e Kazu (todos eles craques da massa nipônica). "No Japão a relação entre música e futebol tem se tornado muito forte. Os torcedores de lá chegam a assistir jogos no Brasil para copiar os refrões cantados pela torcida".

Será que esse casamento entre as duas paixões do povo são apenas coisa de japonês? Negativo. Na Inglaterra, por exemplo, existe a banda The Soccer Holys. Punks e *hooligans* por natureza, suas letras exploram o tema futebol à exaustão. "Achamos que o mundo estava precisando de uma banda formada por *hooligans*, para contar o que acontece nos campos da Inglaterra", explica o vocalista Mickey Fleck. Os Holys se autodenominam os "Pelés do Pop" e suas músicas têm títulos como "Police Brutality" ("Brutalidade Policial") e "Throwing Bricks At The Burnley Fans" ("Jogando Tijolos nos Torcedores do Burnley"). Mais conhecido na mídia, o New Order assinou uma das trilhas da Copa do Mundo de 90, na Itália. A música era "Touched By The Hands Of God", que foi ironizada por outros ingleses, o Pop Will Eat Itself: virou "Touched By The Hands Of Cicciolina".

No Brasil, Jackson do Pandeiro já celebrava a porrada entre torcidas na hilária "Um A Um"(posteriormente gravada pelos Paralamas, no disco *Bora Bora*). Rita Lee, corintiana de carteirinha, falou do Timão em "Amor Em Branco e Preto" e os Novos Baianos só cantavam jogo de bola em seu álbum *Novos Baianos Futebol Clube*. Isso sem falar em Jorge Ben Jor, autor de "Zagueiro", "O Camisa Dez da Gávea" (um doce se você adivinhar quem é) e outros craques. "Até hoje só não fiz música para o goleiro", diz.

Neville Garrick/Divulgação



Duas gerações do reggae declaram seu amor à bola: Bob Marley e Shabba Ranks (acima). **Steve Har do Iron Maiden** (abaixo, lateral direita), **posa de jogador de bola com a fita na cabeça. O grupo Anjinhos da Babilônia** (abaixo, na grande área), **que saiu da Torcida Jovem do Santos. O compositor japonês Seigen Ono** (lateral esquerda), **a capa e o encarte de seu CD,** Campeão! Brasil.

Reprodução

Reprodução

Angelo Pastorello

TOP TEN DO FUTEBOL

1. Camisa 10 da Seleção (Luiz Américo)
2. País Tropical (Jorge Ben Jor)
3. Um A Um (Jackson do Pandeiro)
4. Amor Branco e Preto (Rita Lee)
5. Prezado Amigo Afonsinho (Gil)
6. Neto (Tom Zé)
7. Umbabarauma – Ponta de Lança Africano (Jorge Ben Jor)
8. Cadê O Pênalti (Skank)
9. Eu Sou Assim (Marinho Chagas)
10. Voa, Canarinho, Voa (Júnior)

Outros músicos levam tudo isso mais a sério. Um dos exemplos bem conhecidos é a galera do Skank, que se apresenta com camisas de clubes do Brasil ou do exterior. Os shows do grupo são precedidos pelo tema do *Canal 100* (um programa esportivo que passava nos cinemas na década de 70) e ao longo da apresentação sempre rola uma cover de "Cadê O Pênalti", de Jorge Ben Jor.

Há casos ainda mais extremos. Como os Anjinhos da Babilônia, que nasceu na Torcida Jovem do Santos Futebol Clube – com direito a ter o Chefe de Bateria da torcida na percussão. "Futebol e música combinam porque são duas paixões do povo 'jogadas' em grupo", analisa Sérgio Boneka, guitarrista da banda. O coro é reforçado por Nando Reis, do Titãs, que ao lado do companheiro Marcelo Fromer escreve uma coluna sobre o tema na *Folha de S. Paulo*, chamada *Minuto de Silêncio*. "Tocar no Titãs é um jogo competitivo. Assim como os jogadores, nós trabalhamos para a diversão dos outros". A Copa de 90 já começou a render frutos. A banda Bel gravou a música "Romário", com o atacante participando do clip.

Sergio Martins e Robert Halfoun

Quando vêm ao Brasil os gringos não resistem à tentação de bater uma bolinha, sejam os fofos do Deep Purple – o guitarrista Ritchie Blackmore e o tecladista John Lord (acima) **–, ou os caras do Ugly Kid Joe** (abaixo)**, disputando ou segurando a bola**

Elton John e Rod Stewart tentando entrar em forma juntos nos campos da Inglaterra

"Um, tererê..." é o novo grito de guerra entoado nas arquibancadas do Maracanã e batucada pela galera na lataria dos ônibus. Como muitos outros cânticos das torcidas cariocas, este também saiu dos bailes funk que movimentam os fins de semana nos subúrbios. Já existe até a derivação "Um, gererê...", homenagem à plantinha que rola solta nos clássicos superlotados. O que pouca gente sabe é que esse *slogan* é uma corruptela de "Whoomp! (There It Is)", hit do grupo de rap Tag Team (como seus conterrâneos do 2 Live Crew, eles também conseguiram emplacar seu *miami bass* no competitivo mercado de rap americano – Tanto que foram convidados para a trilha sonora do filme *Família Adams II*. Como diria aquele outro refrão funk/ futebolístico: "Tag Team é o Terror!"). A torcida do Vasco comemorou o tricampeonato com uma variação da música "Tyson Free", das Sublimes: "Tri, tri, o Vasco é tri... Terererê!" *Cláudio Campos*

Metallica Não Enferrujа

A maior banda de heavy metal do mundo não consegue ficar longe dos palcos. Depois de quase dois anos de turnê mundial promovendo o Black Album e dez meses de merecidas férias, o Metallica resolve pôr o pé na estrada de novo. Quebrando o silêncio que sempre pontua a fase de ensaios antes das turnês da banda, o baterista Lars Ulrich aceitou conceder uma entrevista exclusiva à BIZZ em São Francisco, na Califórnia (EUA)

POR REGINA DESIRÉE (SÃO FRANCISCO)

O grande lance dessa turnê é não fazer dela um grande evento. Só queremos tocar, por isso é tão excitante

Em abril, James Hetfield foi preso porque mostrou seu instrumento num parque de Nova York

Você está ansioso em relação à nova turnê do Metallica?
Bastante. É bem estranho pegar o carro, dirigir até esse lugar onde a banda está e começar a tocar de novo depois de dez meses fazendo praticamente nada. O grande lance dessa turnê é não fazer dela um grande evento. Não estamos tentando vender qualquer coisa ou promover um novo álbum, só queremos tocar. Por isso é tão excitante.

Vai ser uma turnê com detalhes de produção como a do *Black Album*, com o *snake pit* e o palco em forma de diamante?
Vai ser bem diferente de tudo que já fizemos, bastante discreta. Geralmente quando saímos em turnê fazemos muitas entrevistas, planejamentos, e coisas do tipo. E dessa vez vamos só sair e tocar. Gostamos de ir a extremos. Acho que o que fizemos na turnê anterior, com o snake pit e o palco em forma de diamante. Foi muito legal e muito diferente do que qualquer um estava fazendo mas, desta vez vamos estar tocando em espaços pequenos e não vai haver espaço para grandes produções, mesmo se quiséssemos.

O Metallica foi o grande vencedor na votação dos Melhores do Ano 93 pelos leitores da BIZZ. Você também se considera "o melhor instrumentista"?
Isso é muito legal... estou muito honrado. Mas sem desrespeitar quem votou em mim, acredito que existem músicos que me superam tecnicamente. Mas não é só isso que conta: você tem que saber quando e como usar sua técnica. Todos da banda chegaram a um aperfeiçoamento técnico nos últimos anos. Particularmente, adorei o prêmio.

Quando e onde o novo álbum vai ser gravado e quem vai produzi-lo?
Não discutimos muito sobre isso ainda. Vamos fazer essa turnê agora, descansar um tempo e depois James e eu vamos começar a compor, provavelmente no outono. Esperamos iniciar as gravações em janeiro e lançar o álbum no outono *(outubro)* de 95. Apesar de tudo ainda ser muito incerto, posso dizer que há uma grande chance de trabalharmos com Bob Rock de novo *(produtor do* Black Album*)*. Nossos laços continuam fortes. Quanto a onde iremos gravar, estamos com a idéia de fazer isso aqui em São Francisco – nunca gravamos em casa antes.

Vai ser um longo período sem nada de novo do Metallica. Vocês não sentem pressão dos fãs?
De jeito nenhum. Nos últimos 3 ou 4 anos, todo mundo viu e ouviu tanto a gente, querendo ou não, que é até bom dar uma sumida. Não queremos passar pela síndrome do Ted Nugent, que nos anos 70 lançava um álbum a cada 16 minutos. É bom dar uma sossegada de vez em quando. Não queremos nos queimar muito rápido. Tem banda que vive cuspindo álbuns, mas isso não funciona pra gente.

Vocês já têm idéia de qual rumo o Metallica tomará dessa vez?
Nenhuma. Todos nós estamos com centenas de idéias na cabeça mas ainda não começamos a colocá-las pra fora. James e eu tomamos umas cervejas outro dia e conversamos um pouco sobre isso. Concluímos que seria melhor fazer os shows primeiro e trocar idéias depois.

Por falar no James, você já se meteu em algum tipo de encrenca como ele, que agora foi preso por "exposição indecente" quando mijava num parque. Pergunto isso porque soa muito engraçado para quem é do Brasil, onde isso jamais aconteceria...
Nem na Dinamarca, de onde eu venho! Já fui preso algumas vezes, na maioria durante os anos 80, pelo mesmo tipo de coisa – que não seriam crimes no Brasil ou na Dinamarca. Uma vez por andar com uma cerveja em público *(risos)*, o que é ilegal nos Estados Unidos. Outra vez James e eu fomos em cana por algo que chamaram de "recusa à dispersão": estávamos parados, matando tempo na frente de um clube.

Você pensou sobre o suicídio de Kurt Cobain e suas dificuldades em lidar com as pressões da fama?
(pausa) Eu estava numa ilhota no Pacífico do tamanho de uma cabine telefônica quando recebi um fax do meu *manager* avisando sobre a morte do Kurt Cobain. Estava isolado há quase três semanas e fiquei muito chocado, não diria surpreso. Uns anos atrás, quando o Nirvana estava começando a estourar, tinha reparado que ele choramingava o tempo todo, reclamava muito e isso me incomodava. Em algumas entrevistas eu falei sobre isso. Não disse nada de ruim porque evito falar qualquer coisa sobre outras pessoas ou outras bandas, mas o fato dele se queixar tanto realmente me dava nos nervos. Com o passar do tempo ficou claro pra mim que na verdade ele não estava simplesmente choramingando, ele realmente sentia tudo aquilo, era uma coisa verdadeira e passei a respeitá-lo.

"Temos personalidades bem ajustadas. Saímos do sério quando estamos a fim, mas ninguém na banda é esquizofrênico ou tem qualquer vício"

Você o conhecia?
Não o conhecia, mas fiquei muito chocado. Uma parte de mim acha muito covarde fazer uma coisa dessas quando se tem uma filhinha pra criar. Mas pelo menos o que ele fazia e dizia era sério, e eu respeito isso. Sei que outras pessoas, especialmente nos Estados Unidos, condenam o fato dele deixar uma filhinha, mas na verdade não acho que isso é problema de ninguém. Quanto às pressões, cada um lida com isso de um jeito diferente.

Como vocês reagem às pressões?
O Metallica nunca saiu do seu caminho pra conseguir sucesso superficial. Quando a fama chegou até nós não foi algo que nos pegou de surpresa ou um motivo de revolta. Sempre encaramos as dificuldades com a cabeça no lugar. Todos temos personalidades bem ajustadas. Saímos do sério quando estamos a fim mas ninguém é esquizofrênico ou tem qualquer vício. Todos os integrantes da banda são capazes de lidar com nossa situação. Já passamos por momentos difíceis, como o que aconteceu com o Cliff, ou quando James quebrou o braço e se feriu durante um incêndio

no palco. Tivemos nossa parcela de infelicidades mas somos muito realistas.

Voltando à nova turnê, como foi a escolha de Suicidal Tendencies, Alice In Chains e Danzig como bandas de abertura? Elas foram escolhidas por vocês? O que você acha delas?
Fizemos questão de escolher. Queremos amigos com a gente na estrada, bandas com quem podemos dividir o público. Alice In Chains tem sido minha banda favorita nos últimos 3 anos e sou bem amigo dos caras. Sempre conversamos sobre uma turnê juntos e essa oportunidade surgiu agora, quando estamos praticamente na mesma situação: Alice In Chains também não tem nenhum álbum recém-lançado. Assim como nós eles tiraram umas férias e acharam que seria legal se divertir na estrada e não levar uma turnê tão a sério. Em relação ao Danzig, todos que conhecem Metallica sabem da nossa relação com o Misfits e da fascinação de Jason, Kirk e James com Glenn Danzig.

E o Suicidal Tendencies?
Tivemos o Suicidal com a gente na estrada durante a parte européia da turnê do verão passado e é uma grande banda. É um grupo incrível ao vivo, que dá 110% toda noite. Sempre faltou uma grande chance pra eles. Acho que agora, com quase um milhão de pessoas assistindo nossos shows, pode rolar um interesse maior pelo Suicidal.

Essa turnê é uma chance para os fãs americanos terem um gostinho do Metallica ao vivo antes de vocês se trancarem novamente num estúdio por meses?
(risos) Essa é uma boa maneira de descrever a situação. É que depois de quase um ano de férias achamos que seria legal passar um tempo nos divertindo antes de começar a fazer o próximo álbum. A gente se importa muito com nossa atitude em relação um ao outro.

Vocês estão sempre em contato?
Quando tiramos férias não nos vemos muito, exceto James e eu, que somos mais chegados. É bom que todos tenham a chance de passar uns meses juntos tocando e sentindo a banda de volta no sangue antes de começar a pensar no próximo álbum.

Quanto deve durar essa aventura?
Serão 10 semanas de shows, um em cada cidade, 5 dias por semana, totalizando 50 shows. Ponho fé que o público dessa turnê deve ser composto pelos fãs mais *hardcore* do Metallica, aqueles que compram ingresso assim que é colocado à venda. Os shows são pra esses caras.

OS NÚMEROS DA ÚLTIMA TURNÊ

2 ANOS
302 SHOWS
202 CIDADES
37 PAÍSES

Hetfield é pêgo no flagra em NY

James Hetfield resolveu criar caso com a polícia de Nova York. O líder do Metallica foi detido no dia 6 de abril, sob a acusação de "exposição indecente".

Apesar de sempre dizer em entrevistas que não curte as loucuras do circo do rock, Hetfield foi pêgo em flagrante enquanto se "aliviava" de algumas cervejas num parque nova-iorquino – uma bobagem para nós, mas uma mancada grave nos Estados Unidos. Segundo a edição de maio do jornal californiano *The American Music Press*, o músico tentou se justificar dizendo que não conseguiu achar um banheiro público a tempo, mas tudo foi em vão. Hetfield acabou tendo que pagar uma multa à prefeitura, cujo valor não foi divulgado.

O caso não teve maiores consequências, mas acabou arranhando a imagem "íntegra" do Metallica. "Você não ouve ninguém falar que o Metallica tem problemas com a polícia. O grupo conquistou o sucesso graças a muito trabalho", afirmou o baixista Jason Newsted no começo de 93.

OUÇA ESSA:

"Foi bem difícil dividir a coisa meio a meio com eles (o *Guns'n'Roses*). Axl queria uma rampa que invadisse o espaço do público, enquanto eu preferia ficar com os caras, sem ser o frontman"
James Hetfield, 8/92

"Às vezes eu penso, 'Droga, porque toda essa gente quer o meu autógrafo?', ou 'Porque há tantas pessoas usando camisetas do Metallica?' Eu realmente não sei se quero que eles as usem"
Idem, 10/92

"Eles se detonam mutuamente o tempo todo, falam bobagens, mas eles são os melhores amigos..."
Jason Newsted, sobre Ulrich e Hetfield, 1/93

"Não consigo pensar em nada neste momento que me faça crer que está turnê acabou. Parece que vamos para casa para dar um tempo, e vamos voltar daqui a algumas semanas e fazer alguns shows em qualquer lugar"
Lars Ulrich, 7/93

"Houve um ponto, quando estendíamos cada vez mais a turnê, que eu disse: 'Esqueça, eu não vou adiante – estou cheio de excursionar, eu não tenho que me justificar, só estou humanamente cheio disso' "
Hetfield, 7/93

"Estou feliz em odiar o mundo!"
Idem

"Os rumores começam a surgir porque você está fora há muito tempo. Eu estava 'viciado em heroína' ou 'atirando coisas em pessoas no camarim'...
Idem

"Ele estava machucado como uma ovelha no pasto. Me parece que ele precisa achar alguma coisa em seu passado, que é a essência de sua própria infância"
Idem (sobre a convivência com Axl Rose), 7/93

*Trechos de entrevistas concedidas à revista inglesa *Kerrang!*, ao longo da última turnê do Metallica

Diário de Bordo

1982 O Metallica estréia em vinil na coletânea independente *Metal Massacre Vol. I* (Metal Blade), com a música "Hit The Lights". Os 11 volumes da coletânea revelaram nomes como Slayer, HellHammer e Voi Vod. Na época, James Hatfield, aos 19 anos, cantava como um adolescente na fase de mudança de voz. Dave Mustaine (atualmente líder do Megadeth) tocava guitarra e comandava a banda e o baixista era Ron MacGovner.

1983 A banda lança seu primeiro álbum, *Kill'em All*, já com Kirk Hammet (ex-Exodus) nas guitarras e Cliff Burton no baixo. O disco surpreende público e crítica e é considerado um dos responsáveis pelo surgimento do thrash metal.

1984 *Ride The Lightining* é lançado e a banda mostra uma personalidade musical impressionante para o pouco tempo de formação. O público de heavy metal já é definitivamente conquistado.

1986 Sai *Master Of Puppets* e o Metallica alcança o estrelato. O disco fica meses nas paradas, revelando um som de guitarra inédito, que acabaria transformando-se em padrão nas bandas de metal.

1987 O baixista Cliff Burton morre em 23 de setembro, num acidente de ônibus na Dinamarca, durante uma turnê européia. Quem mais sofre com a perda do músico é o guitarrista Kirk Hammet, que momentos antes da tragédia havia mudado de lugar no tourbus com Cliff. No mesmo ano, sai oficialmente o video Cliff 'em All, uma coletânea de imagens piratas dos melhores momentos da banda. Sai ainda o disco *Garage Days*, com a participação do baixista Jason Newsted (ex-Flotsam & Jetsam).

1988 É lançado o disco *And Justice For All...*. Cheio de críticas negativas, que em sua maioria dizem que o disco é muito parecido com *Master of Puppets*. Do disco, vem o empurrão definitivo rumo ao sucesso absoluto, o primeiro clip da história do grupo, "One", que inaugura uma nova linguagem.

1989 O grupo é indicado ao Grammy na categoria melhor banda de heavy metal e é convidada a se apresentar durante a cerimônia de entrega do prêmio. A aparição revela o Metallica ao mundo.

1990 A banda corre o mundo com a turnê de *And Justice For All...*. Os últimos shows acontecem em São Paulo, no Ibirapuera, em 6 e 7 de outubro.

1991 O disco *Metallica* - batizado pelos fãs de *Black Album*- entra direto no topo das paradas, e a banda dá início a uma excursão que acabaria durando 2 anos. Os paulistanos assistem ao show em 1º de maio. Enfim, o Metallica se transforma na maior banda de heavy metal do mundo.

ROBERT HALFOUN

FAÇA A COISA CERTA

Chegou a vez do rap trovejar seu estilo raivoso sobre o país. Os sinais dessa inundação já estão na rua: o gênero é primeiro lugar nas FMs – via Racionais e Gabriel – e virou trilha sonora de comercias de TV. Tem outra: a econômica fachada gorro-tênis-adidas virou moda, influencia estilistas e faz o movimento sair do gueto, revelando um lado inédito no comportamento da galera da periferia. A BIZZ correu atrás dessa história deslocando seu pelotão em duas noites de dança e diferenças em São Paulo – o Primeiro Encontro Nacional de Rap e o *disco chic* Sub Urbano – para descobrir o que esses caras realmente fazem, pensam, cantam e vestem

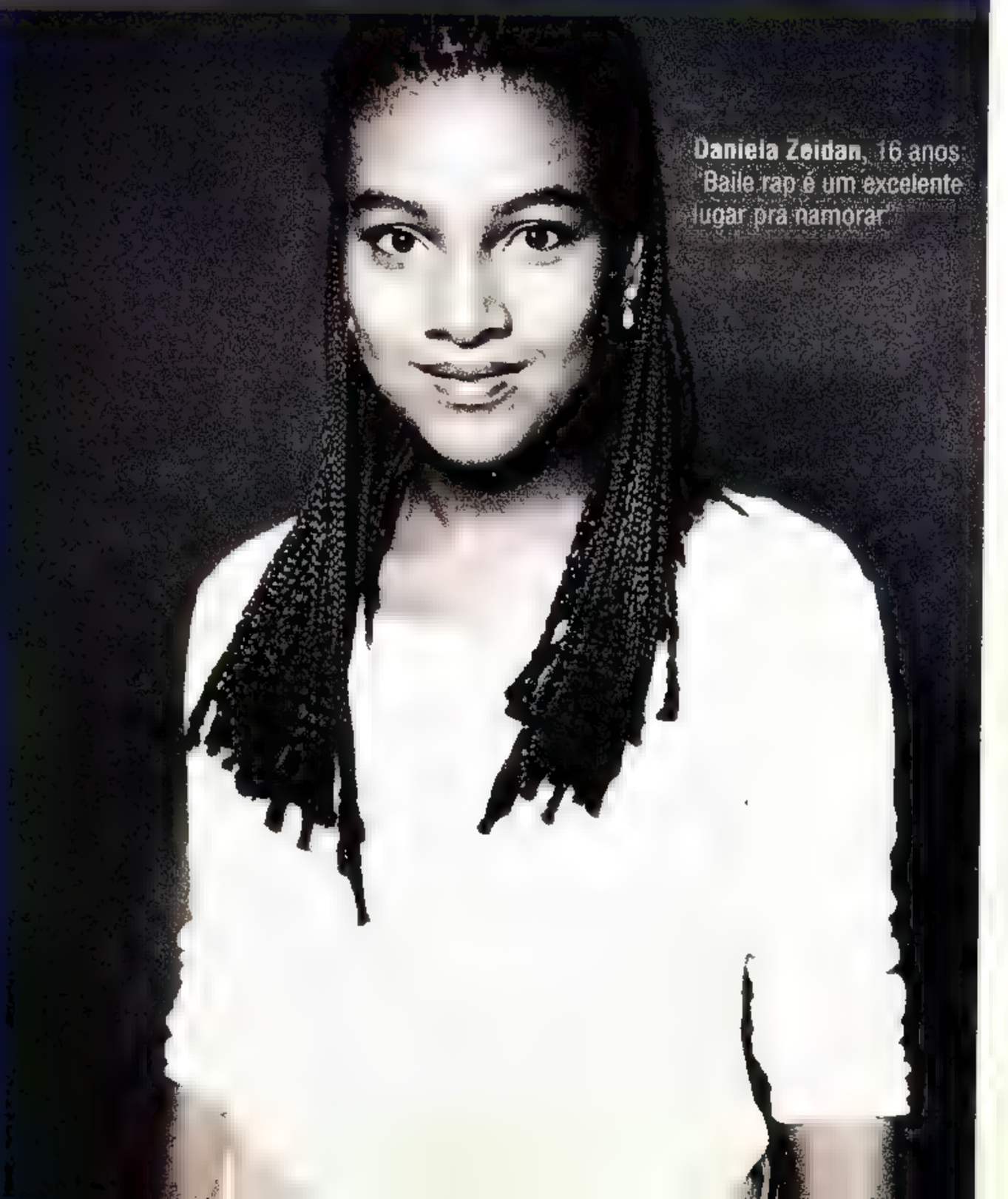
Angélica Costa, 17 anos: "Rap machista é uma babaquice. Esses caras acham que estão falando pra quem?"

Doctor MCs: sucesso com a letra machista de "Garota Sem Vergonha"

p a l m e i r a s

Câmbio Negro: 10 mil discos vendidos em esquema independente

Não Identificados: "Preferimos ficar anônimos. É pra não criar problemas posteriores"



Daniela Zeidan, 16 anos: "Baile rap é um excelente lugar pra namorar"

ESTILO?

POR CECÍLIA MÃE

Fundo musical de propagandas de rádio e TV, capa e pôster de revistas e jornais: o ritmo (ex)suburbano veio para o centro a pé (ainda que de Nike), para invadir os clubes e bailes das principais capitais do país. E já que titia mídia deixou a gente brincar na rua, vamos todos fazer cara de bravo e trocar hippie e rock por hip e hop.

Os MTVspectadores das classes média e média alta, com suas calças largas, cuecas à mostra, gorrinho de *Radical Chic* e *dreads* de Astrid fazem seu estilo, independente do endereço: seja no Sub Club do Columbia (clube chic de São Paulo) ou no ginásio do Palmeiras, onde aconteceu o 1º Encontro Nacional de Rap, promovido pela Metropolitana FM. Alguns revelam, nas profundezas milimétricas de sua existência maurícia, todo aquele previsível espírito malaco: cospem no chão, enchem a cara e até xingam alguma velhinha na rua. Gangstérrimo!

Geralmente, não há brigas na platéia e, no palco, nenhuma indisposição entre as tendências do movimento. MT Bronx, um dos rappers mais respeitados de SP, resume: "Todo mundo se dá bem, sem discriminação, seja de uma linha radical ou mais melódica. Um não tem nada contra o outro e cada um faz o que gosta".

As bandas compõem um grande time poliesportivo, vestido com uniformes de basquete, futebol e *joggings*. Na galera se encontra de tudo, inclusive espécimes inusitados: uma socióloga da Faap, porém simpática; um cabeleireiro *mucho macho* (que é professor de chutebox), uma equipe de segurança educada, skatistas, um cara pálida dos Jardins — ele disse que seu grupo de rap favorito era Jimmy Cliff!

No mais são office boys, borracheiros, bancários, office boys, jornalistas, técnicos que consertam geladeiras e fogões, garçons, office boys, gerentes, ilustradores, conferentes, mecânicos, contínuos e até office boys. Os flipperamas devem ficar vazios nas noites de sexta e sábado. Todos trabalhadores e/ou estudantes, bem vestidos, minimamente assalariados e felizes da vida. De vagabundo mesmo, durante toda minha peregrinação no Palmeiras, só encontrei um "arrrtista pláshtchico" de Higienópolis, obviamente entediado, a bordo de uma namorada *blasé* e, socorro, tomando aspirina!

Entre os de baixa renda, identifiquei roupas impecáveis (limpas e inteiras), moletons novos, tênis nacionais bem conservados e de cano alto (*hi top* a la Nike), calças jeans justas (tipo clochard ou cintura alta, delineando as formas), tops de lycra, transparências e decotes generosos, maquiagem, bijouterias douradas (nas gostosas), agasalhos de nylon com bordados e bolsos em profusão (meninos). Na cabeça delas, cachos, tranças kanekalon e muito óleo de lavanda. Raros dreads. Neles: cabelos curtíssimos ou carecas.

Na fauna média alta, muita roupa rasgada, meias desfiadas, malhas lasseadas, punhos e golas amputados, tênis importados detonados e de cano curto (Adidas ou similar), calças coloridas com pesponto branco, tudo oversized, cintura pouco acima do rego, camiseta apertada assexuada, um mínimo batonzinho e micro-sobrancelhas (quem dera, Gamine), abrigo um número menor ou moleton dois números maior. Nelas, cabelos curtíssimos ou longos partidos ao meio. Neles, *dreadlocks* ou nada a declarar.

Conclusão: quanto mais pobre você parecer, provavelmente menos pobre será; a galera de baixa renda tem que andar na linha e fazer o possível pra não parecer perigosa... Mas rico rasgado é excêntrico.

Brown, 17 anos,
rato de pistas: "Acho uma bobagem
esse negócio de ***gangsta rap***. Não faço o estilo

Scott MC, 19 anos,
do grupo Tendência Suburbana: "Faço letras que falam da
união entre as raças: e pinto casas"

RAP.

Yoko, 19 anos,
dançarina do grupo Movimento Hip Hop: "Já
dançamos em quase todas as pistas de SP, do
metrô São Bento ao Sub Club"

Anônimo
faz o estilo
"cool dance hip hop yeah"

A LISTA DO "BICHO"

SÃO PAULO
- Racionais MC'S
- Pavilhão Nove
- Sampa Crew
- Doctor MC'S
- Thaide e DJ Hum
- Pepeu
- Filosofia de Rua
- Rap Sensation
- RPW

RIO
- Gabriel O Pensador
- Ryo Radikal Repz
- Artigo 288
- Positive Soul
- Speed Freaks
- N.A.T.
- Planet Hemp
- Blecaute
- Geração Futura
- Damas do Rap

BRASÍILIA
- GOG
- Desacato Verbal
- Câmbio Negro
- Dino Black

BELO HORIZONTE
- Black Soul
- Mad Soul Man
- Divisão de Apoio
- N.J.J.C.

Grafite de fundo: Os Gêmeos

Renata Sant' Anna, 19 anos, estudante: "O rap dos Racionais tem padrão internacional"

Tatiana Garrido, 16 anos, estudante canadense em férias no Brasil: "Não conheço rap brasileiro, mas gosto muito do que ouço"

A DANÇA DAS GRAVADORAS

O estilo que já foi maldito hoje é prioridade até nas majors

Sony – Lançou Gabriel, O Pensador (240 mil cópias vendidas) e recentemente o Sampa Crew, que no seu ex-selo Kaskata's chegou a 100 mil cópias vendidas com o disco *Super Remix*.

Warner – Através da Warner/Continental, passa a distribuir os artistas do selo paulista Zimbabwe, entre eles os Racionais MCs, que já venderam mais de180 mil cópias do álbum Raio X Brasil. Via selos Banguela/Discovery, deve lançar o próximo disco do Câmbio Negro, de Brasília.

EMI – Distribui o selo Radical Records, que tem Artigo 288 e Pivete (ex-Pavilhão 9). Provavelmente manda até o final do ano um artista de rap romântico.

BMG-Ariola – Está a procura de um bom nome pra lançar no mercado via selo Plug.

PolyGram– Acaba de contratar o grupo Idade Mídia, mas ainda não tem planos pra colocá-lo na rua.

Paradoxx – Solta até agosto os novos trabalhos do Pavilhão 9 e do veterano Pepeu.

TNT – Até o final do ano aparece com mais 15 títulos de rap.

NA PONTA DA AGULHA

20 títulos pra entender o rap

Artigo 288 – *A Hora da Verdade* (Radical)
Câmbio Negro – *Sub Raça* (Discovery)
DMN – *Cada Vez Mais Preto* (Zimbabwe)
Doctor MC's – *Pra Quem Quiser Ver* (Kaskata's)
Duck Jam e Nação Hip Hop – *Metamorfose* (TNT)
Gabriel O Pensador – *Gabriel O Pensador* (Sony)
Gog – *Vamos Apagá-los...* (Vitrine Paulista)
N dee Naldinho – *Menos Um Irmão...* (TNT)
Pavilhão 9 – *Otários Fardados* (Bullet)
Pavilhão 9 – *Procurados Vivos Ou Mortos* (Paradoxx)
Pepeu – *P de Pepeu* (Kaskata's)
Pivete – *Ex Detento* (Radical)
Racionais MCs – Coletânea dos três primeiros álbuns (Zimbabwe)
Racionais MCs – *Raio X Brasil* (Zimbabwe)
Sampa Crew – *Super Remix* (Kaskata's)
Thaíde – *Brava Gente* (Vitrine Paulista)
Thaíde – *Hip Hop Na Veia* (Eldorado)
Vários – *Consciência Black* (Zimbabwe)
Vários – *Cultura de Rua* (Chic Show)
Vários – *Rap Attack* (Kaskata's)

RPW:
a introdução do [illegible] rap

AURÉLIO
Indo fundo com a língua

Bicho – tem dois significados. Pode ser algo perigoso ou algum som muito legal.
Comédia – rapper ruim
Derrubado – ruim
Gambé – policial
Gangsta – estilo de rap em que as letras falam de violência, drogas e brigas entre brigas entre gangues
Mano – amigo, camarada
Melodia – música lenta
Merreca – cachê baixo
Miami Bass – rap de andamento mais rápido - 130 a 140 batidas por minuto. Muito popular no Rio e Nordeste.
Navegador – cara cheio de história, mentiroso
O que pega – o que está rolando (em São Paulo)
Palanque – palco pequeno
Parquinho – quando o som do baile é "comédia"
Paulada – som bom, pesado
Pedreiro – DJ de mão pesada
Pela ordem – quando as coisas estão legais
Playboy – cara sem atitude
Posse – grupos de rappers
Qual é o pó – o que está rolando (usado em Brasília)
Rap – abreviação para o termo americano *Rythym And Poetry* (ritmo e poesia)

r.A.p

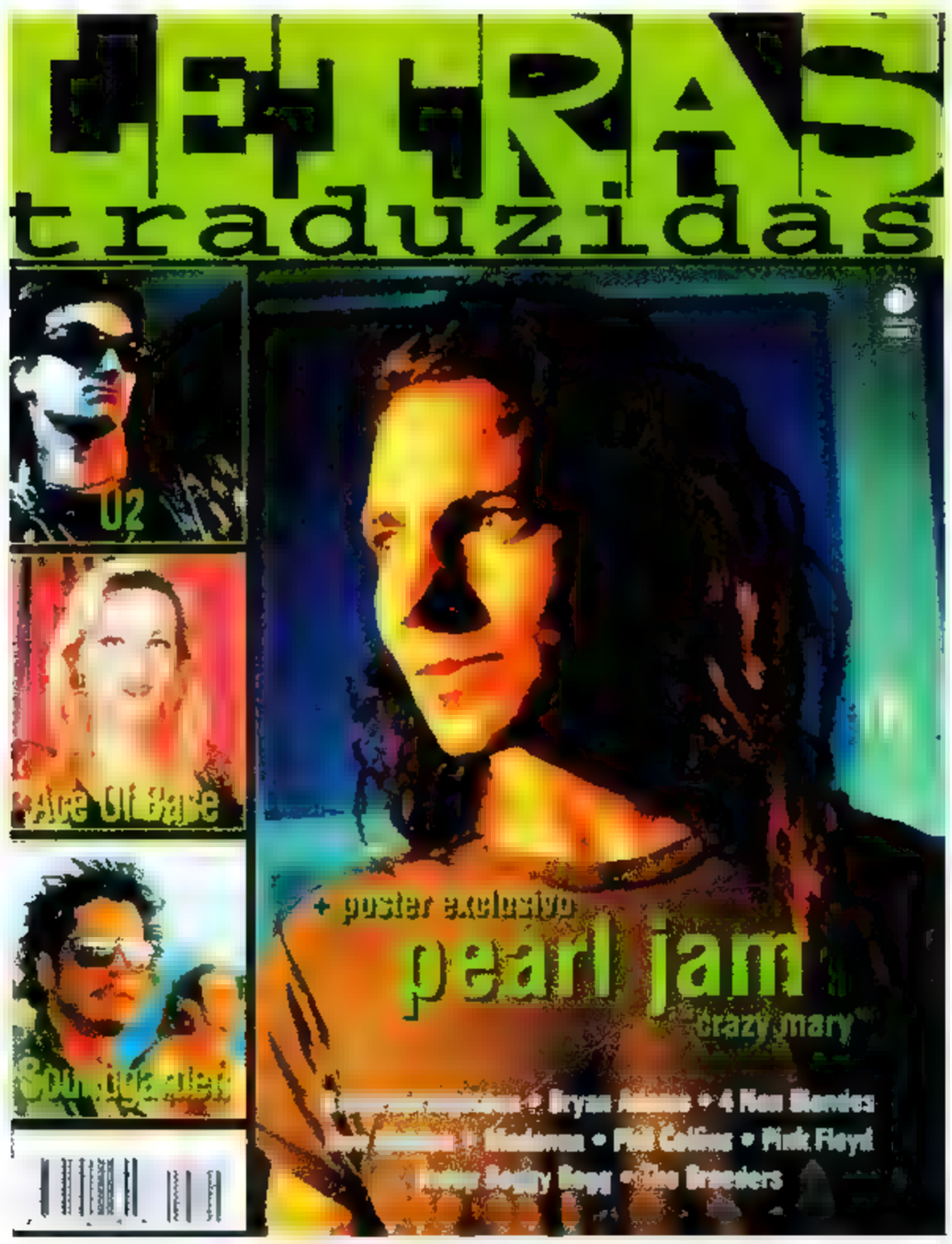
Lojas de discos:
São Paulo
• Vitrine Paulista (distribuidora de todos os títulos nacionais independentes) - Rua General Jardim, 427. Fone: 256-3573
• Galerias 52 e 116 da Rua 24 de Maio - Uma infinidade de lojas se concentram nessas galerias no centro de São Paulo.
Brasília
• Discovery - STF, Ed. Miguel Badya, Bl L, Loja 89
Rio
• Spider - R. Visconde de Pirajá, 207/Sl. 214. Fone: 521-8040
Curitiba
• Doctor Discos - Rua do Rosário 60. Fone: (041) 222-2809
Fortaleza
• Rua Rodrigues Júnior 670. Fone (085) 231-4246
Belém
• Av. Gentil Bitencourt, 449. Fone (091) 224-8948
Belo Horizonte
• Queens Dance - R. Rio de Janeiro, 630, Lj, 70. Fone: (031) 201 2809

Reuniões:
São Paulo
• Projeto SAI (Sociedade Amigos Independentes) - Todo domingo das dez às três da tarde na Casa de Cultura, ao lado do portão 1 do Autódromo de Interlagos. Telefone de contato: (011) 520-6449, a/c William
• Movimento RAP Estação de Metrô São Bento - Todas as tardes de sábado na estação do metrô. Rolam performances de break.
Rio
• Rampas do Shopping Rio Sul e Arpoador nos finais da tarde e fins de semana
• Estacionamentos do Tijuca Off Shopping e supermercados Carrefour e Freeway na Barra
Belo Horizonte
• Aos domingos à tarde acontecia encontros no Terminal Turístico JK, no centro. Deve voltar em breve.

Pra Dançar
São Paulo
• 4ª feira - Santana Samba: Av, Cruzeiro do Sul, 3454, Santana
• 6ª feira - Clube da Cidade: Rua Mario de Andrade, 21
• Sábado - Projeto Radial: Rua Tuiuti,1547, Tatuapé
Sub Club (Columbia): R. Estados Unidos, 1570, Jardins
Rio
• 4ª feira - Botanic: Rua Paxeco Leão, 70
• Sábado - Rave Hip Hop: Uma vez por mês na Fundição Progresso, • que fica nos Arcos da Lapa
• Domingo - Basement: Sub-solo da Galeria Alaska
Belo Horizonte
• 6ª feira - Broadway: Praça de Santa Tereza, Santa Tereza
Brasília
• Atualmente não existem salões de rap na cidade. Os shows e discotecagem rolam geralmente nos finais de semana nas "casas de bacana". Programa de insider, tem que ficar ligado.

Rádios
São Paulo
• Metrô FM 98,5 *Projeto Rap Brasil*: Só rap nacional, 2ª à 6ª das 8h às 10h
Doutor Rap: Só rap gringo. 2ª à 6ª das 18h as 19h
Balança SP. Nacional e Gringo. Sábado das 12h às 16h
• Nova FM, 89.7: *Rap Attack* - Diariamente das 18h às 19h
Rio
• Fluminense FM, 94,9: *Night Sessions* - 2º às 21 e 30
Belo Horizonte
• A rádio Transamérica, 106,9 FM dedica a maior parte da sua programação das tardes de sábado ao rap

AS LETRAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ + CURTE



EDITORA AZUL

NAS BANCAS

INVERNO 94

omino

ENTRE E FIQUE À VONTADE

INVERNO 94
omino
ENTRE E FIQUE À VONTADE

INVERNO 94
OMINO
ENTRE E FIQUE À VONTADE
DISNEY

INVERNO 94

omo

ENTRE E FIQUE À VONTADE

WARNER BROS.

OMINO é licenciada oficial de TM& © 1994 Warner Bros

INVERNO 94

OMINO

ENTRE E FIQUE À VONTADE

INVERNO 94
omo
ENTRE E FIQUE À VONTADE

INVERNO 94
OMO
ENTRE E FIQUE À VONTADE

LANÇAMENTOS

PANTERA

Warner

Far Beyond Driven

Quando o Barça (André Barcinski), falou sabiamente aqui na BIZZ que *Chaos A.D.* do Sepultura é um dos discos mais revoltados de todos os tempos, e que reduzia a pó bandas como Pantera, ele nem de longe contava com a possibilidade do grupo de Phil Anselmo aparecer alguns meses depois com um trabalho tão furioso.

Junto com *Damaged*, do Black Flag, *Fresh Fruits For Rotten Vegetables*, dos Dead Kennedys, *Reign In Blood*, do Slayer e *Point Blank*, do Nailbomb, acrescente a sua lista de revoltados, *Far Beyond Driven* do Pantera. É animal - uuuugh !

Dessa vez os caras passaram dos limites. Acredite se puder, esse disco deixa o primeiro e festejado trabalho da banda, *Cowboys From Hell*, indicado para festas de crianças. É dez vezes mais tosco. As guitarras estão no pico (em primeiro plano na mixagem) e distorcidas exatamente como devem ser. Os vocais estão atrevidos e nervosos como nunca foram. Nesse álbum não há espaço para frescuras e sim para *riffs* e nuances absolutamente inusitadas, como barulhos desenfreados e microfonias de guitarra, apitadas loucas e urros absolutamente desconexos. Mais: tudo isso totalmente integrado às músicas, ao contrário de vários discos do gênero, que preferem deixar as "maluquices" para vinhetinhas ou introduções – o que causa uma surpresa a cada instante.

Nada aqui é *fake*. Nem as letras, que normalmente viajariam em violência ou satanismo, tão comuns nos discos de metal. Phil Anselmo, ao que parece fala a verdade. Coisas do cotidiano, papo com fãs e mensagens do tipo faça exclusivamente as coisas que tem vontade. Mesmo que isso inclua comer a namorada de um amigo, como conta em tom discursivo em "Good Friends And A Bottle Of Pills" ("Eu comi a sua namorada ontem a noite/Enquanto você roncava, eu fodi o seu amor"). E quem diria que esses caras já foram um bando de viadinhos maquiados? E que o atarracado Phil Anselmo, já fez biquinho e passou batom nos lábios mal desenhados.

Far Beyond Driven é mais uma prova que o passado negro dos caras definitivamente ficou para trás (admito, sempre tem um crítico pentelho para lembrar dessas baixarias). O clima "cheguei para abalar" continua nas imagens radicais das três versões da capa desse disco, que recomenda-se esconder da sua avó. Aliás, se você tem o mínimo de amor pela velhinha, poupe-a também de músicas como "Becoming", "Slaughtered", "Shedding Skin" e "Strength Beyond Strength", a que abre o álbum e já deixa bem claro que o negócio dos caras é promover um *pogo* gigante nos shows e acabar com a raça de todo e qualquer vizinho que tente te encher o saco ouvindo Julio Iglesias pela manhã.

Robert Halfoun

DISCOS

CASSETA & PLANETA

Velas

Para Comer Alguém

Este segundo disco é melhor que o anterior, *Preto Com Um Buraco No Meio*. Além da qualidade geral superior de letra e música, desta vez eles não cometeram o erro de deixar toda a parte instrumental a cargo de feras de estúdio em nome da perfeição técnica (logo eles!), que se traduziu na ocasião como perda de espontaneidade.
As novas audiocassetadas atingem a dance music ("Dance Dance Dance", com a canja bem mais apropriada de Fernanda Abreu), axé ("Fala Bahia" e "Moqueca"), "greganejo" ("Dois Cus"), pagode ("Maurício") e muito mais.
E com sua inevitável incorreção política e palavras de baixo-calão abordam ecologia ("Caldo Verde"), sexo ("Brinquedo De Armar"), religião ("Pastor Josué") e surfistas. Só dá para sentir falta mesmo daquela tirada que ouvi no

programa deles sobre o jogador de futebol biônico cuja pilha acaba em pleno jogo. Mas para compensar temos o samba-enredo "Apogeu E Glória Do Rock'N'Roll".
Este disco dá para suprir a falta do Língua De Trapo dos bons tempos e prova que o verdadeiro humor tem mais é que ser humoristicamente correto. *Ayrton Mugnaini Jr.*

DFC

Eldorado

Tchan Nan Nan Nan Nan

Mais um produto da falta de investimentos das gravadoras: *Tchan Nan Nan Nan Nan*, do DFC. O disco foi gravado às pressas, sem produtor. Foram os músicos é que – vá lá – o produziram, sem grana, naquele puta esquema legal (para as gravadoras) e furadaço (para as bandas). A pergunta é: vale a pena gravar disco assim? Para a gravadora, é muito cômodo receber uma fita DAT pronta para ser prensada e distribuída. Espalhar mil cópias de um CD ou de um álbum – que, no frigir dos ovos, pouca gente vai achar – é uma tarefa fácil. Bem, no caso do DFC... A produção é precaríssima. São vinte e dois "hardcores" semi-instantâneos (com duração de cinco segundos a dois minutos) com influências escandalosas de Ramones. "Aquele" temperinho está nas letras (que têm bastante crítica social mas também capricham na zoeira, como na faixa

"Mulheres II": "Mulher tem que chupar/Sem reclamar!") e nas participações especiais de Edu K (letra de "Mulheres III": "Toda mulher apaixonada gosta de dar o cu") e de Jamaika (do Câmbio Negro). É diversão certa.

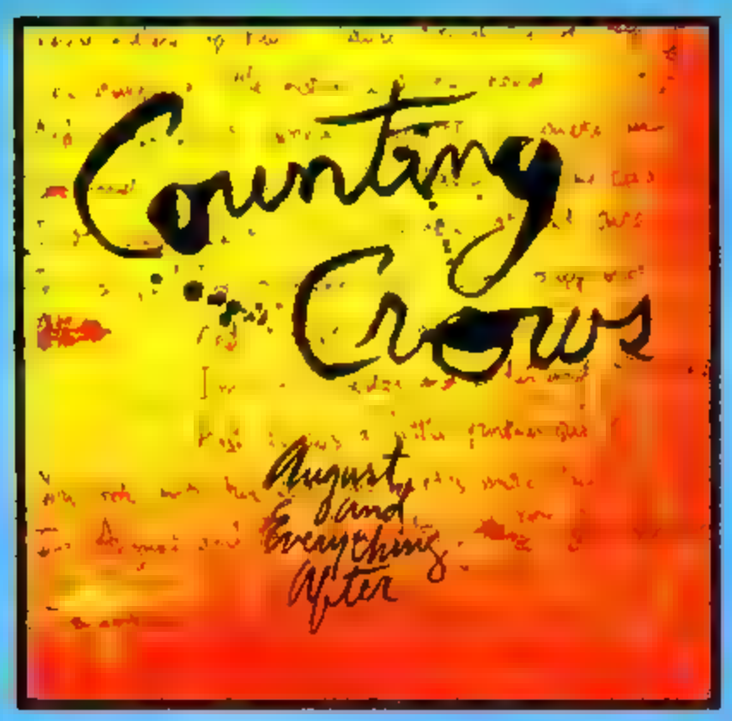
Gabriela Dias

KOKO TAYLOR

Warner

Force Of Nature

Em *Force Of Nature* (63), miss Koko Taylor, resolveu ousar na heresia e deve ter deixado o Olimpo com o queixo na bunda.



COUNTING CROWS

BMG-Ariola

August And Everything After

"Mr. Jones", hit do grupo americano Counting Crows, é uma daquelas raras gravações que ao ser escutada pela primeira vez faz seu queixo cair e sua boca balbuciar um "mas quem fez isso?" – não necessariamente no bom sentido. Começa com aquela manjada progressão de acordes de guitarra, típica dos *clones* do R.E.M. nos anos 80, mas o que chama a atenção é a voz...

Seria Van Morrison? Não, é Adam Duritz, que parece ter se apropriado não só do lamento cavernoso de Van como também de seu gosto por letras elípticas – "...venha dançar esse silêncio que cai pela manhã...". Como? Na mistureba há um *groove* saltitante dos 10,000 Maniacs e umas duas referências ao bardo Bob Dylan (incluindo o título da canção, retirado de "Ballad Of A Thin Man").
A música parece ter sido geneticamente montada para atrair as gerações possíveis de admiradores do rock branco.

O visual da banda também parece ter sido pré-fabricado, se tomarmos por base o clip de "Mr. Jones". Duritz tem os *dreadlocks* de um rasta e a camisa de um grunge típico, enquanto seus anônimos companheiros de grupo têm aquela postura estudada de *yuppies* do rock – parece que os carinhas acabaram de sair de uma reunião de marketing da sua gravadora, a Geffen.
E o disco é pior que o visual. Devagar, quase parando, com órgãos e bandolins corretos, tudo soando assustadoramente familiar: aqui um fraseado de guitarra do tipo que The Edge toca durante o *soundcheck*, ali uma melodia ("Rain King") que é "I Believe", do R.E.M., acolá um refrão (em "Time And Time Again") de uma antiga canção da Band.
É claro que não é crime reciclar clichês do rock; se fosse, Keith Richards estaria cumprindo prisão perpétua. Duritz, entretanto, é um saqueador contumaz. Mesmo em "Time And Time Again", ele arruina tudo com sua fraca imitação de Van Morrison. E seus versinhos – "O amor é um trem fantasma retumbando pela escuridão" – são tentativas risíveis de fazer poesia. A última babaquice é "A Murder Of One", onde Duritz tenta convencer uma mulher a deixar o namorado por ele. Mas quem ficaria com um cara que a adverte com o verso: "Toda sua vida é uma vergonha/Todo seu amor é só um sonho"? Pfui...

Lu Gomes

Mandou bala numa versão de "Born Under A Bad Sign", do intocável Albert King, que não fará feio se tentar o vestibular da História. Koko é uterina, um dínamo em moto perpétuo. E Buddy Guy – que sempre que pode desce do Olimpo para dar uma canja como a que deu na faixa – faz a guitarra e o gogó suarem para manter o ponteiro do seu "arrepiômetro" perto do de Koko. As catorze músicas desse disco, porém, têm um probleminha: mantém o mesmo *mood* quase o tempo inteiro. Não se pretende aqui falar do astral do disco – sempre para cima – mas do formato dos arranjos: guitarra na frente (rá, rá, Criss Johnson, o produtor e dono do selo e o guitarrista da banda) é fominha.

O cara sola em onze faixas – mas é um monstrinho –, com teclados e bateria constantes e poucos convidados. Não compromete. Há um naipe de seis metais que dá um clima enfezado ao soul "If I Can't Be The First", uma leitura bem-feitinha do *standard* "Hound Dog" e muita coisa nas entrenotas que pode acionar o ar refrigerado de sua espinha. *Airton Seligman*

X-RATED

Polvo

Daresafe-sexdisorder

Não que seja ruim, mas depois das bandas que misturam tudo e mais um pouco (reggae, forró, funk, etc.), num momento de sensível inspiração e criatividade da música brasileira, é duro de engolir uma banda como X-Rated.
Eles são cariocas e fazem aqueles rockinhos dos mais manjados, bem à Mötley Crüe.
Aliás, o vocal agudo lembra bastante Vince Neil (ex-vocalista do Mötley). Qu seja: insuportável se ouvido por mais de trinta minutos (quinze no *walkman*).
Para quem ainda desafia o gênero, a faixa "Soul Insight" é legal.
Os *riffs*, uma vez que entram, não saem mais da cabeça. As últimas faixas, "It's Automatic" e "Jam At Planet Rock", têm mais peso nas guitarras e um vocal diferente. São as mais interessantes (parece até outra banda!). "Never Enough" também não é má, mas o cara canta tanto o refrão que, na vigésima vez, enche o saco. E não é falta de paciência! *Inaé Riveras*

PARALAMAS DO SUCESSO

EMI-Odeon

Severino

O novo disco dos Paralamas abriga uma idéia paradoxal. É superexperimental (como foi *É Batumaré*, disco solo de Herbert Vianna, líder do grupo), com produção de Primeiro Mundo, não apenas por ter sido gravado em Londres, com os cuidados do guitarrista e produtor Phil Manzanera (ex-Roxy Music), mas por ter usado equipamentos de tecnologia de ponta, como uma mesa de mixagem computadorizada. O resultado é irregular, pouco assimilável em primeiras audições.

É *Batumaré* foi gravado num estúdio doméstico, o que lhe conferia o frescor de síntese despretensiosa das descobertas de Vianna em 92 (a música lúdica e inventiva de Tom Zé e o Caetano Veloso ainda revolucionário de *Araçá Azul*). O disco ainda trazia letras desencantadas, revelando um compositor preocupado com os destinos do país. *Severino* é um passo à frente de *É Batumaré*. Conta com as participações especiais do próprio Tom Zé e do cultuado poeta reggae Linton Kwesi Johnson, além do guitarrista Brian May (ex-Queen). E tem o mérito de resgatar, num ótimo trabalho gráfico, a obra do artista Arthur Bispo Do Rosário, obscurecido pela sua própria trajetória errática, passada boa parte na Colônia Juliano Moreira, em tratamento para a esquizofrenia.
Em Bispo resumem-se as boas intenções deste disco, que ainda faz alusões à poesia de João Cabral De Mello Neto e à música concretista introduzida pelo ex-Titãs Arnaldo Antunes. Há ecos da música folclórica regional brasileira que se encontram com guitarras potentes e com as cordas da Reggae Philharmonic Orchestra.
O tradicional ampara uma aspiração de ser moderno. A vocação é tropicalista. E ainda há uma certa estranheza junto a alguma decepção. Mas, na certa um meio menos redundante de se encontrar novos caminhos. *Celso Fonseca*

SHAQUILLE O'NEAL

BMG-Ariola

Shaq Diesel

Alguém se lembra de quando o Pelé se meteu a cantar?

Pois agora é a vez de Shaquille O'Neal, um astro do basquete americano, colocar em disco seus dotes de rapper. Pena que, a exemplo de Pelé, Shaquille mostra ao mundo do rap que é um excelente jogador de basquete.
As prosas de "Shaq" são frouxas, no estilo "*gangsta rap* de araque", com batidas repetitivas e timbres de teclados surrupiados de Snoop Doggy Dogg. Nem a presença de Phife (A Tribe Called Quest) na música "Giggin' On 'Em", ou o ragga esperto de Fu-Schnickens chegam a empolgar. Melhor voltar às quadras. *Sérgio Martins*

SECOND COME

Rock It!

Record

O segundo disco do SC chegou para confirmar que o grupo é um dos melhores do país. Se Fábio Leopoldino tivesse nascido em qualquer buraco da Inglaterra, certamente seria conhecido por muito mais gente do que os poucos milhares que teimam em ouvir rock'n'roll brasileiro de qualidade.
São dezessete faixas – entre canções bucólicas e o mais rasgado punk – que servem para confirmar o amadurecimento da banda. Um disco melhor, menos comercial e mais consistente do que a estréia deles, com *You*. *Edmundo Barreiros*

DISCOS

JOHN HAMMOND

EMI-Odeon

Trouble No More

Seja no palco (pelo visto em sua temporada brasileira em 92) ou no trato pessoal (por uma simpática entrevista a BIZZ, não publicada),

John Hammond continua um *gentleman*. E melhor: não do gênero dândi, mas um "branco" totalmente devotado ao blues, sua grande paixão musical. Não à toa, o mancebo é filho de J.H. "Senior", o produtor que "descobriu" Billie Holiday, Bob Dylan e Bruce Springsteen, entre outros. Por isso, é tão bom ouvir este disco, que nas nuances musicais justifica seu título: "Problemas, nunca mais". Co-produzido pelo mestre country J.J. Cale e com notas do *big boss* do selo Atlantic, Jerry Wexler – que tomando a voz de John, define sua afinidade com o blues como "Eu vim para zombar e acabei rezando" –, Trouble No More é "da hora". O cara está estraçalhando no violão comum, no National Steel (violão com corpo de aço), na guitarra, na gaita e – claro – nos vocais.
Ao lado da banda Little Charlie And The Nightcats (com destaque para o guitarrista Charlie Baty e o gaitista Rick Estrin), Hammond segura o disco com uma firmeza que há muito não se ouvia.
Nos domínios do blues puro, há versões impecáveis para clássicos de Howlin' Wolf ("Who Will Be The Next", "Baby, How Long"), Little Walter ("Just Your Fool") e até Charles Brown ("Trouble Blues"), com o próprio autor ao piano.
Mas John ainda vai além e ainda deriva o blues para o country ("That Nasty Thing" duelando com Roy Rogers) e também para o rockabilly ("Wild Man On The Loose".

MINHO K

THE BREEDERS

Natasha

The Last Splash

Repete-se o ditado "veja o filme, leia o livro, etc.". Depois dos clips de "Cannonball" e "Divine Hammer" terem sido martelados diariamente e das várias entrevistas dadas pelas Breeders (inclusive aqui na BIZZ), chegou a hora de curtir *The Last Splash* e descobrir que dá para fazer um som pop sem apelar para as babas. São quinze faixas que, sob uma aparência inocente, revelam tudo o que passa na cabecinha indecente da srta. Deal. Tomemos, por exemplo, "Divine Hammer", uma singela melodia que fala de... insatisfação sexual! Ou "Roi", onde a baixista Josephine Wiggs propaga as delícias do sexo oral. Aliás, Wiggs funciona como o Mazinho na Seleção: prepara as jogadas para as irmãs Deal (Kelley e Kim, guitarra e vocais) brilharem. Imagine o que seria "Cannonball" sem aquele *groove* hipnótico do baixo, que dá o clima certo para a explosão de Deal? Ou a levada malemolente de "Do You Love Me Now?" Pode levar o disco para casa e ouvir, ouvir...

SÉRGIO MARTINS

JOHN SCOFIELD & PAT METHENY

EMI-Odeon

I Can See Your House From Here

Com a recente e saudável "apropriação" do jazz feita pela garotada do rap, é bom a gente voltar a prestar atenção aos lançamentos, digamos, tradicionais do velho gênero. Este disco, por exemplo, reúne, pela primeira vez em disco, dois dos maiores guitarristas que apareceram nos últimos tempos. Scofield e Metheny conheceram-se na Berklee, tradicional escola de música de Boston no início dos anos 70. Ambos desenvolveram carreiras de sucesso. O primeiro, depois de tocar com Gary Burton, Miles Davis e a dupla Billy Cobham/George Duke, optou por um estilo *low profile*, muito mais sutil e cerebral.

Este é o sucesso mais surpreendente de toda a história da música pop: o austero e milenar canto gregoriano estourou no Norte! A façanha deve-se aos monges beneditinos do monastério de Santo Domingo de Silos. Eles gravaram um álbum duplo com cantos gregorianos – um estilo que não muda há uns 1400 anos – que foi Nº 1 em sua Espanha natal. Lançado nos Estados Unidos condensado em um único disco intitulado *Chant*, chegou ao quarto lugar da parada pop/rock da *Billboard*.

THE BENEDICTINE MONKS OF SANTO DOMINGO DE SILOS

EMI-Odeon

Canto Gregoriano

Os monges espanhóis dizem que quando cantam não estão só fazendo música – eles estão rezando. E é como soam neste disco, suas vozes desacompanhadas, que ficam flutuando na ressonância natural de seu monastério de 900 anos. A música vai subindo e descendo sem dar qualquer pista de regularidade rítmica. Dizer que é espiritual é pouco; esses cantos tocam lá no fundo da alma. Os monges de Santo Domingo de Silos conseguem a proeza de serem arrebatados e, ao mesmo tempo, serenos – e esta é uma combinação muito rara, um triunfo musical muito, muito além do pop.

LU GOMES

Metheny, nosso velho conhecido, já passou por altos e baixos, escolhendo um caminho mais comercial ao fundir jazz com som progressivo e world music. Independente de suas diferenças, ambos são músicos de qualidade incontestável e encontram-se aqui numa série de "guitarradas" quase sempre bem sucedidas.
Mesmo que este não seja um disco para se ouvir de uma só vez – o excesso de firulas e celebralismos pode ser contra-indicado caso ministrado em doses maciças, nessa urgência dos nossos tempos –, quem gosta, toca ou gostaria de tocar guitarra não pode deixar de ouvir o que pode acontecer quando dois virtuoses se encontram para deixar fluir apenas o prazer. Como é bom poder tocar um instrumento... *Márcio Gaspar*

BECK

BMG-Ariola ◎ ☺

Mellow Gold

Só por forjar o termo *folk rap* através do hit "Loser", o jovem (23 anos!) angeleno Beck já poderia se dar por satisfeito. Mas seu álbum de estréia tem coisas ainda melhores.
A começar do título – uma alusão a "Mellow Yellow", do trovador escocês Donovan nos *sixties*, "pregando" que fumar casca de banana dava barato. Muito hippie desavisado caiu nesse conto. E Beck diz ser o "Bon Jovi dos anos 60".
Com isso já dá para ter uma idéia das praias que o cara aporta – as mais diversas possíveis (e impossíveis).
No disco, as referências são múltiplas e, longe de ser falta de personalidade, soam como experimentos sofisticados, em seu aparente despojamento.
O psicodelismo – é claro – dá o tom principal. Explícito em "Fuckin' With My Head (Mountain Dew Rock)", que emula os Beatles e os Stones. Ou nos climas de "Truckdrivin' Neighbours Downstairs (Yellow Sweat)", "Nitemare Hippy Girl", "Steal My Body Home" e "Blackhole" (que lembra "Rain Song", do Led Zeppelin). A onda lisérgica se insinua pelo rap de "Beercan" (*à la* P.M. Dawn) e até mesmo o *noise* puro diz alô em faixas como "Motherfucker" e "Sweet Sunshine". Isso sem contar as poderosas levadas country de "Pay No Mind (Snoozer)" e "Whiskeyclone, Hotel City 1997". Para mim, desde já eis uma grata – senão a maior – revelação de 94. *Celso Pucci*

INDEX

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

POP / ROCK

ALAN PARSONS
Try Anything Once
Arista/BMG • vinil/CD/cassete

THE BREEDERS
The Last Splash
4AD/ Natasha • CD

CASSETA & PLANETA
Para Comer Alguém
Velas • CD

COLOR ME BADD
Time And Chance
Giant/BMG • vinil/CD/cassete

COUNTING CROWS
August And Everything After
BMG-Ariola • Vinil/CD/Cassete

GUIDO BRUNINI
Maxi Single
PolyGram • vinil/CD

MARCELLA DETROIT
Jewel
London/PolyGram • vinil/CD/cassete

MORRISSEY
Vauxhall And I
Parlophone/EMI • vinil/CD/cassete

PAPA WINNIE
You Are My Sunshine
MCA/BMG • vinil/CD/cassete

PARALAMAS DO SUCESSO
Severino
EMI-Odeon • vinil/CD/cassete

PAULINE HENRY
Pauline
Columbia/Sony • vinil/CD/cassete

PETER FRAMPTON
Idem
Epic/Sony • vinil/CD/cassete

RAIMUNDOS
Idem
Banguela/Warner • vinil/CD/cassete

THE PROCLAIMERS
Hit The Highway
Chrysalis/EMI • vinil/CD/cassete

TORI AMOS
Under The Pink
Eastwest/Warner • vinil/CD/cassete

VÁRIOS
Threesome – Music From The Motion Picture
Epic/Sony • vinil/CD/cassete

VÁRIOS
My Girl 2 – Trilha sonora original do filme "Meu Primeiro Amor - Parte 2"
Epic/Sony • vinil/CD/cassete

COUNTRY

BILLY RAY CYRUS
It Won't Be The Last
Mercury/PolyGram • vinil/CD/cassete

JAZZ

CASSANDRA WILSON
Blue Light 'Til Dawn
Blue Note/EMI • vinil/CD/cassete

CHET BAKER
My Funny Valentine
Pacific Jazz/EMI • vinil/CD/cassete

HERBIE HANCOCK/WAYNE SHORTER/RON CARTER/ WALLACE RONEY/TONY WILLIAMS
A Tribute To Miles
Reprise/Warner • vinil/CD/cassete

JOHN SCOFIELD & PAT METHENY
I Can See Your House From Here
Blue Note/EMI • vinil/CD/cassete

MPB

NÁ OZZETTI
Ná
Warner • vinil/CD/cassete

DORIVAL CAYMMI
Caymmi In Bahia
PolyGram • vinil/CD/cassete

OUTROS

HOWARD SHORE
Uma Babá Quase Perfeita – Trilha Sonora Original
Fox/BMG • vinil/CD/cassete

THE BENEDICTINE MONKS OF SANTO DOMINGO DE SILOS
Canto Gregoriano
EMI-Odeon • vinil/CD/cassete

A BIZZ organiza este Index *a partir dos lançamentos que chegarem à nossa redação até dia 10 de cada mês. Nosso endereço é: Av. Nações Unidas, 5777, São Paulo (SP), CEP 05479-900*

BOLSA DE DISCOS

8,00

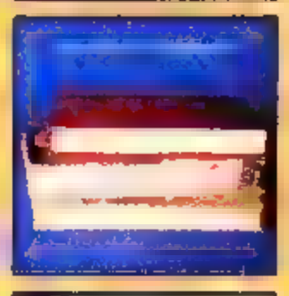
GILBERTO GIL • *Unplugged* • Warner

• • 8 6 4 10 10 7 9 10

7,33

RAIMUNDOS • *Raimundos* • Banguela/Warner

8 10 9 7 3 7 • 8 7 7



7,11

REDD KROSS • *Phaseshifter* • PolyGram

8 7 6 7 5 5 • 9 8 9

6,88

SUGAR • *Copper Blue* • Natasha

8 5 8 6 • 5 • 9 6 8

6,57

NAILBOMB • *Point Blank* • Roadrunner

7 10 • 7 • 4 7 7 4 •

6,11

PINK FLOYD • *The Division Bell* • Sony

7 8 2 5 5 0 8 6 8 5

6,00

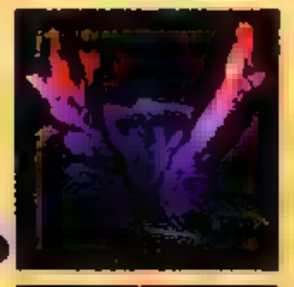
SPIN DOCTORS • *Homebelly Groove* • Sony

6 7 7 • 5 2 9 6 8 5

5,40

INFECTIOUS GROOVES • *Groove Family Cyco* • Sony

7 8 8 7 • 4 6 7 3 4



5,00

BLACK SABBATH • *Cross Purposes* • EMI-Odeon

7 8 • 4 2 4 7 6 4 3

5,00

INOCENTES • *Subterrâneos* • Eldorado

9 0 0 5 1 9 • 8 7 6

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

Algumas das odes à maconha contidas em *Big Blunts: 12 Smokin' Reggae Hits* (Tommy Boy) são cativantes, apesar da gíria jamaicana ser impossível de se entender. As faixas com **U-ROY**, **THE MIGHTY DIAMONDS** e **WAYNE SMITH** são chapantes. Mas muita coisa é só galho e semente – não dá barato. ***L.G.***

A recente demo do **BRINCANDO DE DEUS** é pura melodia *noise*.Os meninos (baianos, por sinal) podem ter milhares de ascendências, mas o resultado final é personalíssimo. Cantam, e bem, em inglês – o que os deixa em posição privilegiada em relação a muitas bandas incensadas pelas *Melody Makers* da vida. Contatos: (071) 226-6592. ***G.D.***

O trompete de **CHET BAKER** sempre foi um dos mais românticos do jazz. Como se não bastasse, o ex-parceiro de Charlie Parker ainda era dono de uma das mais suaves vozes do genêro – pelo menos durante a década de 50, antes da destruição causada pela heroína. *My Funny Valentine*, que chega agora ao Brasil via EMI-Odeon, comprova todo o talento de Baker ao recriar clássicos como a faixa-título e "Someone To Watch Over Me". ***H.G.***

Essa é para quem duvida da importância do **KISS**: *Kiss My Ass* (PolyGram), coletânea organizada por Gene Simmons e Paul Stanley para comemorar os vinte anos da banda, vem recheada de figuras carimbadas interpretando sucessos dos ex-mascarados. Apesar de meio irregular – a não ser que você ature babas como Extreme e Garth Brooks –, o disco tem alguns achados: a reverência do Anthrax na versão de "She", Lenny Kravitz e Stevie Wonder transformando "Deuce" em funk e "Rock'N'Roll All Night", que virou folk (acredite se puder) na mão do Toad The West Procket. ***S.M.***

TIM HARDIN, apesar de ser mais conhecido como compositor do que como *performer*, foi um dos luminares do folk rock nos anos 60. Seu legado agora é resgatado na caixa dupla *Tim Hardin – Hang On To A Dream: The Verve Recordings* (PolyGram), em 47 canções que incluem jóias como "Reason To Believe", "If I Was A Carpenter" e a faixa-título. ***C.P.***

ARQUIVO PESSOAL

FREJAT
(Barão Vermelho)

OS DEZ RECENTES

1 DADA • *Puzzle* (93) • I.R.S.
2 k.d. lang • *Ingenue* (93) • Sire
3 ROBBEN FORD • *Mystic Mile* (93) • Stretch
4 CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI • *Da Lama...* (94) • Sony
5 U2 • *Zooropa* (93) • PolyGram
6 VÁRIOS • *Stone Free – A Jimi Hendrix Tribute* (94) • Warner
7 TONI! TONY! TONÉ! • *Sons Of Soul* (93) • PolyGram
8 BUDDY GUY • *Feels Like Rain* (93) • Silvertone/BMG
9 MICK JAGGER • *Wandering Spirit* (93) • Warner
10 MUDDY WATERS • *Hard Again* (77) • Blue Sky

OS DEZ ETERNOS

1 JIMI HENDRIX • *[discografia oficial completa]* • Polydor
2 THE ROLLING STONES • *Beggars Banquet* (68) • Decca
3 THE BEATLES • *Rubber Soul* (65) • EMI-Odeon
4 THE WHO • *Live At Leeds* (69) • PolyGram
5 GILBERTO GIL • *Expresso 2222* (72) • PolyGram
6 LUIZ MELODIA • *Pérola Negra* (74) • PolyGram
7 MUTANTES • *Mutantes E Seus Cometas...* (72) • PolyGram
8 BUDDY GUY • *Feels Like Rain* (93) • Silvertone
9 MICK JAGGER • *Wandering Spirit* (93) • Warner
10 DANIEL LANOIS • *For The Beauty Of Winona* (93) • Warner

LEITORES

1 LEGIÃO URBANA • *O Descobrimento Do Brasil* • EMI-Odeon
2 GABRIEL, O PENSADOR • *Gabriel, O Pensador* • Sony
3 4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster, More* • Warner
4 MARINA LIMA • *O Chamado* • EMI-Odeon
5 PEARL JAM • *Vs.* • Sony
6 VIPER • *Maniacs In Japan* • Eldorado
7 ACE OF BASE • *Happy Nation* • BMG-Ariola
8 BRYAN ADAMS • *So Far So Good* • PolyGram
9 SAMPA CREW • *Super Mix* • Sony
10 SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Sony

A parada dos leitores continua em revolução. Curiosidade: três dos cinco primeiros são artistas nacionais. O que você está esperando? Escreva logo: o endereço é Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, São Paulo/SP. Atenção: só valem os discos comprados nos últimos trinta dias.

LOJAS

GERAL

1 SOUNDGARDEN • *Superunknown* • PolyGram
2 AEROSMITH • *Get A Grip* • BMG-Ariola
3 VÁRIOS • *Judgment Night* • Sony
4 PINK FLOYD • *The Division Bell* • Sony
5 GILBERTO GIL • *Unplugged* • Warner
6 PRONG • *Cleansing* • Sony
7 SEPULTURA • *Chaos A.D.* • Roadrunner
8 FIGHT • *War Of Words* • Sony
9 RAMONES • *Acid Eaters* • EMI-Odeon
10 RUSH • *Counterparts* • Warner

INDEPENDENTE

1 GAROTOS PODRES • *Canções Para Ninar* • Radical
2 RACIONAIS MC's • *Raio X Brasil* • Zimbabwe
3 DEVOTOS DE NOSSA SRA. APARECIDA • Radical
4 RATOS DE PORÃO • *Just Another Crime...* • Roadrunner
5 ANGRA • *Angels Cry* • Rock Brigade
6 OVERDOSE • *Decadence Of Progress* • Cogumelo
7 PATO FU • *Ratomusic De Liquidificapum* • Cogumelo
8 CÂMBIO NEGRO • *Câmbio Negro* • Discovery
9 DEFALLA • *Kingzobullshit* • Cogumelo
10 ITAMAR ASSUMPÇÃO • *Itamar...* • Baratos Afins

Lojas consultadas Baratos Afins, Bossa Nova, Cactus, Devil, Melody Hall, Musical Box e Woodstock (SP), Modern Sound e Sub Som (RJ), Câmbio Negro (MG), Pop Som (RS), Jukebox e Tempcation (PR), Sabotage (DF) em 10/05/94

parada

EUA

1 PINK FLOYD • *The Division Bell* • Columbia
2 ACE OF BASE • *The Sign* • Arista
3 VÁRIOS • *Above The Rim* • Death Row/Interscope
4 TIM MCGRAW • *Not A Moment Too Soon* • Curb
5 COUNTING CROWS • *August & Everything After* • DGC
6 BENEDICTINE MONKS... • *Chant* • Angel
7 BONNIE RAITT • *Longing In Their Hearts* • Capitol
8 R. KELLY • *12 Play* • Jive
9 MARIAH CAREY • *Music Box* • Columbia
10 CELINE DION • *The Colour Of My Love* • 550 Music/Epic

EUA

1 LITTLE ANGELS • *Little Of The Past* • Polydor
2 ROLLINS BAND • *Weight* • Imago
3 NIRVANA • *In Utero* • Geffen
4 TERRORVISION • *How To Make Friends ...* • Total Vegas/EMI
5 PANTERA • *Far Beyond Driven* • Eastwest
6 NIRVANA • *Nevermind* • Geffen
7 COUNTING CROWS • *August And Everything After* • MCA
8 SOUNDGARDEN • *Superunknown* • A&M
9 NINE INCH NAILS • *The Downward Spiral* • Island
10 NAILBOMB • *Point Blank* • Roadrunner

EUA

1 R. KELLY • *Bump N'Grind* • Jive
2 ACE OF BASE • *The Sign* • Arista
3 PRINCE • *The Most Beautiful Girl In The World* • NPG/Bellmark
4 MARIAH CAREY • *Without You/Never Forget You* • Columbia
5 CRASH TEST DUMMIES • *Mmm Mmm Mmm Mmm* • Arista
6 CELINE DION • *The Power Of Love* • 550 Music
7 ALL-4-ONE • *So Much In Love* • Blitzz/Atlantic
8 RICHARD MARX • *Now And Forever* • Capitol
9 ENIGMA • *Return To Innocence* • Virgin
10 BECK • *Loser* • DGC

[illegible]

1 JUDY CHEEKS • *Reach* • Positiva
2 LOVELAND • *Let The Music Lift You Up* • Eastern Bloc
3 ETERNAL • *Just A Step From Heaven* • EMI
4 MOTIV 8 • *Rockin' With Myself* • Warner
5 CRYSTAL WATERS • *100% Pure Love* • A&M
6 TONY Di BART • *The Real Thing* • Cleveland City Blues
7 SOUNDS OF BLACKNESS • *I Believe* • A&M
8 BINGO BANGO BONGO • *Bingo* • Wizz
9 FLOORJAM • *Stoneage* • Deep Distraxion
10 NUSH • *U Girls* • Blunted Vinyl

REPLAY INTERNACIONAL

JOHNNY É O BOM

Diretamente do Mississippi, Winter detona a síntese perfeita entre o blues e o rock'n'roll

Mestre no blues e no rock'n'roll, **JOHNNY WINTER** dispensa maiores apresentações. O albino maluco é uma lenda em ambos os estilos e atingiu seu apogeu ao longo da década de 70, quando extraía de sua Gibson Firebird solos incríveis.

Agora, este período é resgatado na compilação **A Rock'N'Roll Collection** (Legacy/Columbia). Trata-se de um CD duplo, onde 22 faixas fazem um ótimo apanhado do melhor período da carreira do guitarrista. Há hits como "Rock'N'Roll Hoochie Koo" – canção do guitarrista Rick Derringer (ex-The McCoys), que foi gravada por Johnny antes que seu próprio autor o fizesse – a exemplo de "Silver Train", dos Rolling Stones, que foi dada de bandeja para Winter antes que o álbum *Goat's Head Soup* (73) tivesse sido lançado – afinal Mick Jagger e Keith Richards eram fãs de carteirinha do cara.

Seleção cuidadosa do guitarrista albino em sua safra anos 70

Sem contar as célebres versões para composições de nomes ilustres como Chuck Berry ("Johnny B. Goode"), Larry Williams ("Bony Moronie"), Bob Dylan ("Highway 61 Revisited") e Bobby Womack ("It's All Over Now").

E mais: faixas inéditas, *jams sessions* e gravações ao lado de seu irmão, Edgar Winter e do *bluesman* Muddy Waters. Biscoito fino.

CELSO PUCCI

DO FUNDO DA ALMA

Antes que *All Men Are Brothers* e *People Get Ready*, dois tributos medíocres a Curtis Mayfield, soterrem de uma vez o nome do cantor – hoje confinado a uma cadeira de rodas, paralisado do pescoço para baixo – chega às importadoras, via MCA, a coletânea **CURTIS MAYFIELD AND THE IMPRESSIONS: THE ANTHOLOGY/ 1961-1977**, com os maiores hits deste cantor e compositor de rhythm'n'blues, que é um dos grandes nomes da *soul music* de Chicago.

Curtis Mayfield nasceu em junho de 58. Aos 19 anos, escreveu seu primeiro sucesso nos Impressions. A música era "Gypsy Woman", onde desde já mantinha sua marca registrada: a voz de tenor de Mayfield, contrapondo-se com as harmonias de seus companheiros de grupo, Sam Gooden, Fred Cash e os irmãos Arthur e Richard Brooks. Esta formação ainda emplacou os sucessos "Never Let Me Go", "Minstrel And Queen" e "Little Young Lover".

Em 63, já sem os irmãos Brooks na banda, os Impressions começaram a ser produzidos por Johnny Pate, que realçou a voz de Mayfield, enquanto este assumiu a guitarra da banda.

Curtis Mayfield: criatividade soul acima de tudo ao lado dos Impressions e em sua carreira solo

Antologia resgata pérolas raras de Curtis Mayfield

Dois anos depois, os Impressions lançariam sua obra-prima, *People Get Ready*, cuja faixa-título seria regravada anos mais tarde por Bob Marley e Rod Stewart. Os arranjos de Pate se notabilizaram por usar violinos (em "Hard To Believe") e cordas como instrumentos de percussão (como "You've Been Cheating").

Como letrista, Mayfield abordou de tudo: temas baseados no gospel ("Amem"), canções românticas ("You Must Believe Me") e as reinvindações negras, tão populares nos anos 60 – "This Is My Country" e "We're A Winner".

A partir de 70, Curtis embarcou numa carreira solo, mais puxada para o funk. Dessa época saiu *Superfly*, trilha do filme homônimo, que fala de um traficante de drogas. Em 90, ele foi atingido por uma torre de iluminação durante um concerto e parou de produzir, deixando orfãos milhares de fãs de um bom rhythm'n'blues.

SÉRGIO MARTINS

JUKEBOX

The Sonics

Gerry Roslie *(acima, rodeado por seus colegas de banda)* : buscando o "som mais pesado jamais conseguido"

Discografia selecionada

- **Full Force** (87, Etiquette Line) *Coletânea de hits da banda*
- **Maintaining My Cool** (92, Jerden) *Singles pós-66*
- **Psycho-Sonic** (93, Big Beat) *Este CD reúne em 29 faixas os dois primeiros álbuns pelo grupo, mais singles adicionais*

Em sua visita ao Brasil, Kurt Cobain confidenciou para um amigo meu: "A melhor banda já surgida em Seattle foi The Sonics". E indagou: "Será que quando eu ficar velho vou ser tão bom quanto eles?".

Particularmente, eu não diria apenas que eles foram o melhor grupo de Seattle, como também do mundo. Mas isso depende do ponto de vista. Se você gostar de *trash movies* como *Henry: Retrato De Um Assassino* (no qual a banda participa da trilha), certamente irá adorar este quinteto infernal.

Buck Ormsby era lider do grupo The Wailers (nada a ver com Bob Marley!), quando fundou o selo Etiquette. Daí encontrou Gerry Roslie (teclados/gritos), Rob Lind (sax), Bob Bennett (bateria) e os irmãos Andy e Larry Parypa (baixo e guitarra, respectivamente). Achou uma banda para produzir e uma razão de viver.

Surgidos em 63, The Sonics – um nome baseado no barulho da aterrisagem de aviões nas redondezas de onde viviam – perverteram o rock'n'roll dos anos 50 e o blues britânico em três acordes e dois canais, com tamanha intensidade e selvageria que a sua abrasão musical conseguiu antever em mais de dez anos a inauguração do punk rock.

Eles brigavam com os engenheiros de som e choravam pela falta de recursos dos estúdios para conseguir um som mais pesado jamais almejado por alguém. Usavam a imaginação, perfurando alto-falantes nos amplificadores com picadores de gelo, enquanto o baterista massacrava seu *kit* incessantemente.

Se os Beatles cantavam "She Loves You", Gerry berrava que a bruxa vinha te pegar em um *Cadillac* no primeiro single, "The Witch", que só teve difusão regional. Preferiam beber veneno ("Strychnine", depois em versão com The Cramps), o que resultava em distúrbios mentais ("Psycho"). Após o álbum de estréia – *Here Are The Sonics!* (64) – veio *Sonic Boom* (com "He's Waiting", tratando de satanismo).

Claro que não tiveram sucesso. A audácia cobrou seu preço. No máximo, abriram shows para The Beach Boys, Lovin' Spoonful e The Kinks. Suas músicas sonorizaram ringues de patinação, antecipando as trilhas para pistas de skate – não à toa, são um dos prediletos dos praticantes deste esporte radical.

Na penumbra durante anos, o diamante bruto sônico é agora cultuado. E enquanto a lenda vive, The Sonics fazem seus shows primais em palcos obscuros por aí. *SÉRGIO BARBO*

DISCO AO VIVO MATADOR

Um resgate da fase áurea do Hüsker Dü

The Living End (Warner) é mais um daqueles discos "póstumos".

Só que, nesse caso, o defunto não é uma personalidade (Bob Mould, atualmente no Sugar) e sim uma banda: **HÜSKER DÜ**.

Em janeiro de 88, acabou aquela que foi talvez a mais lírica, a mais perfeita banda a unir peso, melodias pop e espírito punk.

Hoje em dia, Bob Mould (vocal/guitarra), Greg Norton (baixo/vocais) e Grant Hart (bateria), que foram pioneiros numa trilha agora manjadíssima naquele mercadão dito "alternativo" (vide Nirvana & Cia.), têm seu valor histórico devidamente reconhecido.

Bob Mould em 87: Hüsker Dü em ação

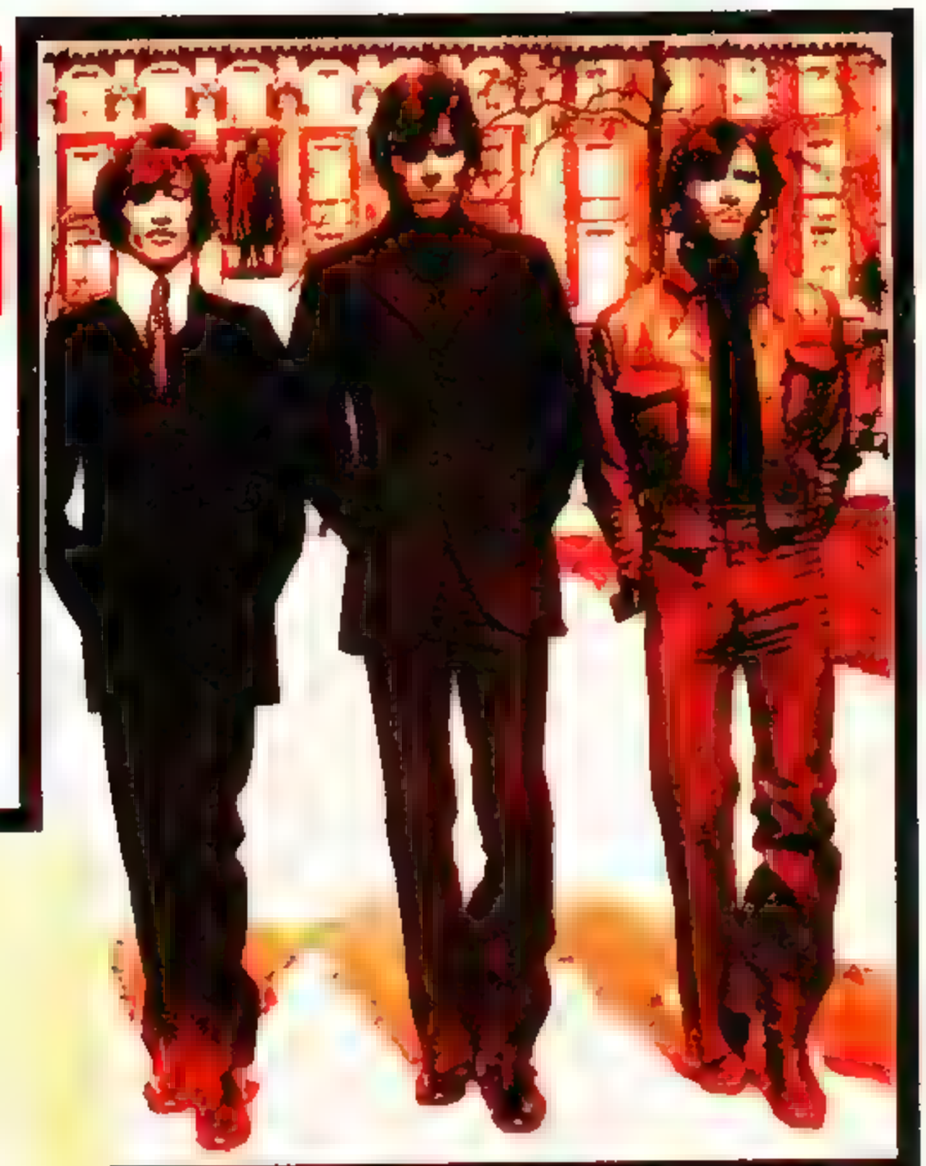
Mas isso é o que menos importa. Este registro ao vivo tem 23 músicas matadoras de Mould e seus asseclas, além de uma cover dos Ramones: "Sheena Is A Punk Rocker".

Os registros são do fim de 87, época em que a banda já se corroía em divergências pessoais. A turnê supostamente estava promovendo o magnífico álbum duplo *Warehouse: Songs And Stories*, mas o repertório é mais um apanhado da carreira deles. Pena: clássicos como "Could You Be The One" e "It's Not Peculiar" ficaram de fora. Mas Hüsker Dü é Hüsker Dü. Alguém se lembra dos anos 80? *GABRIELA DIAS*

REPLAY NACIONAL

SUAVIDADE POP NOS VELHOS TEMPOS

Dois destaques do som romântico reaparecem em boas coletâneas



(Acima, a partir da esquerda): Robin, Barry & Maurice Gibb, o trio de irmãos dos Bee Gees. *(Ao lado):* Richard e Karen Carpenter

Os **BEE GEES** são conhecidos por suas baladas românticas e pelas músicas estilo *discothéque*. Mas agora o período mais obscuro da carreira dos irmãos Gibb está no CD **Spicks & Specs**, lançado por aqui pelo selo português Movieplay.

São gravações feitas entre 63 e 66, quando eles estavam começando a se projetar na Austrália. Naquela época, imitavam todo mundo, com pastiches de The Who ("Born A Man") e The Rolling Stones ("Everyday I Have To Cry"), etc. Há faixas que só apareceram na coletânea *Inception And Nostalgia* (70), editada só na Alemanha e no Japão e lendária entre os colecionadores. No CD, há ainda "Cherry Red", que fez muito sucesso no Brasil.

Outra coletânea digna de nota é **The Best Of Carpenters** (Globo/Polydor). Depois de tantos chamados de "melosos" e esnobados, os **CARPENTERS** ganham, se não a aclamação, pelo menos o respeito merecido pelos irmãos Richard e Karen – esta, além de baterista, uma cantora de voz cristalina.

Karen morreu de anorexia em 83, mas a dupla deixou vários clássicos românticos dos anos 70, em canções de Burt Bacharach – "(They Long To Be) Close To You" –, Paul Williams ("We've Only Just Begun") e a cover de um hit da Motown ("Please, Mr. Postman"). Para ser perfeito, só tendo "Top Of The World" e "Touch Me When We're Dancing". *PAULO CAVALCANTI*

PORRADA ANIMAL

Lemmy & Cia. em disco ao vivo

O **MOTÖRHEAD** é uma das bandas mais carismáticas que esse planeta já viu. Por mais que o rock dê voltas e apareçam grupos tão bons quanto este, uma vez fã dos caras é impossível deixá-los.

Não sei se isso é síndrome de colecionador ou "influência maligna" dos caras sobre mim na adolescência. A verdade é que o rock'n'roll agressivo deles, embora tenha caído em seus últimos discos, continua vivo e influenciando muita gente (o Sepultura que o diga!).

Uma grande oportunidade de reviver estes momentos inesquecíveis de Lemmy Kilmister & Cia., é no álbum gravado ao vivo em 23 de dezembro de 87 na Brixton Academy em Londres, que saiu pela Roadrunner.

É o tipo do disco para fazer a festa: porrada do começo ao fim, praticamente sem intervalos entre as músicas.

O clima de **Live At Brixton** é de um "piratão" bem gravado, com tudo que um bom disco ao vivo tem direito: som de bateria com timbre de P.A., ausência total de *overdubs* e um puta som de guitarras.

É um cacete depois do outro. Entre eles, "Doctor Rock", "Stay Clean", "Metropolis", "Ace Of Spades", "Eat The Rich" e "Rock'N'Roll". Um disco de músicas rápidas, diretas e tem o que 90% das "bandinhas" atuais que se dizem punks nunca pensaram em ter: a essência do rock na alma.

E se você é do time que acha que essas bandas que começaram ontem são a melhor coisa do mundo, ouça esse disco como se fosse uma aula de matemática e vai aprender o que é realmente rock'n'roll. *ROBERT HALFOUN*

TOQUE COM OS MELHORES MÚSICOS

Vídeo-Aulas

DO BRASIL E DO MUNDO

Vídeo-Aulas

* CÓD 0517

* CÓD 0518

** CÓD 0542

* CÓD 0541

* CÓD 0544

* CÓD 0529

* CÓD 0546

* CÓD 0547

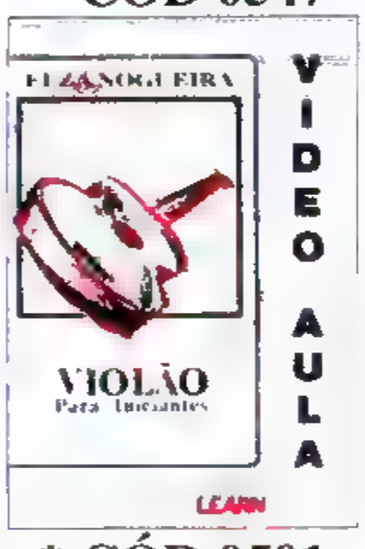
* CÓD 0548

* CÓD 0549

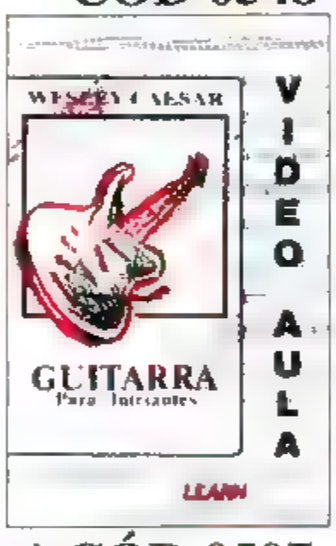
* CÓD 0550

* CÓD 0540

* CÓD 0543



* CÓD 0501



* CÓD 0507

* CÓD 0519

* CÓD 0545

* CÓD 0535

* CÓD 0511

** CÓD 0509

*** CÓD 5001

*** CÓD 5002

*** CÓD 5003

*** CÓD 5004

*	**Fita Simples = URV 34,00**
**	**Fita Dupla = URV 49,00**
***	**Fita Importada = URV 50,00**

Código	Qtde.	Título	Preço Unit.	Preço Total

TOTAL DO PEDIDO	
DESC. 10% PARA SÓCIOS ABRASTAN	
TOTAL A PAGAR	

OPÇÕES DE PAGAMENTO (marque com um "X"):

☐ **Cheque nominal** à M P.O. VÍDEO IMP. E EXP. LTDA - **Rua Urbanizadora, 140 - Sumaré - S. Paulo - SP - CEP 01252-040**

Cheque nº _____ Valor _____ Banco _____

☐ **Débito no cartão de crédito (aceitamos todos os cartões):**

Nome do cartão _____ nº _____ Val ___/___

☐ **Depósito em conta corrente - Bradesco - Ag. 0498-7 - Conta nº 54234-2**

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Fone:( ) _____ Data:___/___/___ Assinatura: _____

LIGUE JÁ

Fone: (011) 263-1522

Fax: (011) 62-7608

Possuimos mais de 50 títulos
Solicite catálogo grátis

MPO VIDEO

URV DO DIA DO PAGAMENTO - TAMBÉM NAS MELHORES REVENDAS - INFORMAÇÕES (011) 263-1522

ZONA FRANCA

ENERGIA gerada PELA letargia

Dean *(no centro, com camisa clara)*: sombras do Galaxie 500 e do Velvet Underground

De 88 a 90, o trio Galaxie 500 fez três álbuns etéreos que tatuaram o mundo pop com uma personalidade magistral.

Mas na primavera de 91, o guitarrista e cantor neozelandês Dean Wareham desfez o grupo. Os americanos Damon Krukowski e Naomi Yang geraram o Pierre Etoilé, que ficou limitado a apenas um single. Ainda na seqüência, sob a égide de Damon & Naomi, lançaram o cultuado *More Sad Hits*. Após um single como solista, eis que Dean formou o **LUNA**, grupo que debutou em 92, com o belíssimo álbum *Lunapark*.

Contando em sua formação com o guitarrista Sean Eden, além do baterista Stanley Demeski (ex-The Feelies) e do baixista Justin Harwood (ex-The Chills), o grupo agora acaba de lançar o seu segundo trabalho, **Bewitched** (Elektra).

Nota: enquanto os caras estavam em meio às gravações deste álbum, foram convidados para abrir a turnê européia de retorno do Velvet Underground, conquistando ainda mais adeptos com esta empreitada.

O Luna é o tipo de grupo que conta com uma identidade absolutamente peculiar: não soam como ninguém mais a não ser como eles mesmos.

Claro quer há uma cinzenta sombra do Galaxie 500 e uma carga bem perceptível do Velvet Underground, notoriamente daquele lado mais baladeiro dos veteranos.

Mas o novo disco apresenta dez faixas com arranjos precisos, baseados em linhas de guitarras costuradas com uma delicadeza indescritível, sempre sustentando os vocais letargicamente melódicos.

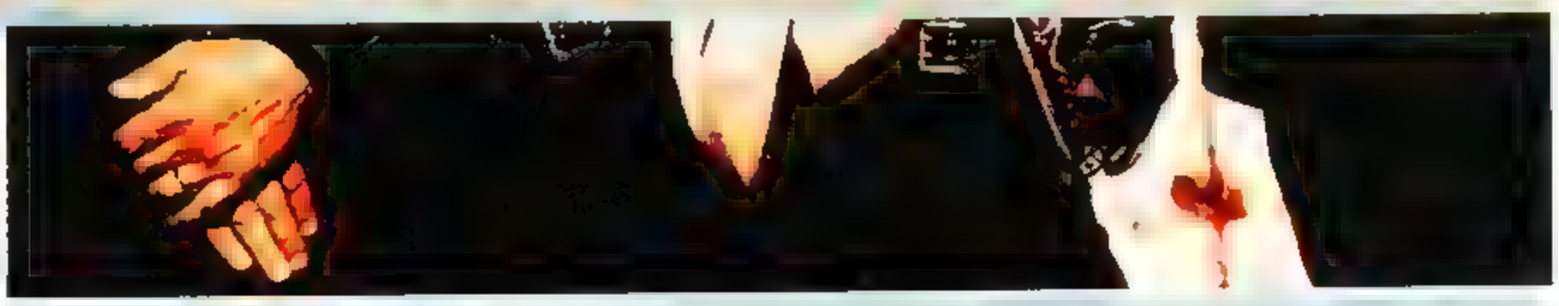
Um tipo de música que parece ter sido feita para se flutuar no silêncio das tardes frias e tristes, entre aquelas ambiências físicas que são regadas por morfina.

Ainda como curiosidades: Sterling Morrison, músico da formação original do Velvet Underground, aparece no disco como convidado especial tocando sua guitarra em duas canções, enquanto Grasshopper – guitarrista do grupo Mercury Rev e ex-integrante do Luna nas primeiras apresentações – se encarrega de algumas sutis e inspiradas intervenções de clarinete na faixa "Sleeping Pill". *FERNANDO NAPORANO*

Nem só de Bruce Springsteen e Bon Jovi vive o som de New Jersey. Para quem já conhece este quarteto de "véinhos feiosos", a matéria-prima aqui tratada não é novidade: canções com nítida inspiração em levadas beatlemaníacas, mas assimiladas pelo grupo junto a bons bocados do melhor no rock'n'roll pós-punk americano.

O Merlin responsável por esta fórmula mágica é Pat DiNizio, um careca barbudo, líder e mola-mestra de uma banda chamada

ESTILHAÇOS DE UMA BOMBA POP



Pat (voz/guitarra), Mike Mesaros (baixo), Jim Babjak (guitarra) & Dennis Diken (bateria)

THE SMITHEREENS. O cara parece que tenta unir o senso melódico de Paul McCartney e o pique de Ray Davies, mas ao mesmo tempo transferindo estas referências pop para uma linha musical movida a adrenalina.

Na ativa desde 83, eles já fizeram álbuns memoráveis – vide *Green Thoughts* (88) e *11* (89) ambos lançados no Brasil pela EMI-Odeon. E o recente **A Date With The Smithereens** (RCA, ainda inédito por aqui) tem tudo para entrar nesta lista privilegiada.

Faixas como "Miles From Nowhere", "Everything I Have Is Blue" e "Sleep The Night Away" comprovam o talento de DiNizio, fora uma grata surpresa: "Point Of No Return", assinada pelo *lead guitarist* Jim Babjak e com direito a um solo de Lou Reed (que também empresta sua guitarra para a canção "Long Way Back Again"). Como se não bastasse, há uma "chamada na chincha" para a geração grunge em "Sick Of Seattle". *Celso Pucci*

TRÊS PISTAS PARA DANÇAR

1. Na grande maioria dos lares britânicos, 94 chegou ao som de **D; REAM**. A canção "Things Can Only Get Better" subiu como um foguete para o primeiro lugar das paradas e parecia não querer sair mais.

O motivo: além de todos nós estarmos precisando de uma mensagem otimista, este hit é cheios de ganchos e de coros contagiantes.

Seu criador, Peter Cunnah, fez parte de várias bandas independentes na Irlanda do Norte antes de se mudar para Londres, onde caiu no mundo da dance music e conheceu o DJ Al MacKenzie. Juntos, formaram o grupo, que celebrou o casamento perfeito entre o conhecimento no estilo de Al e a sensibilidade pop de Peter. O DJ já não faz parte do projeto, mas Cunnah assumiu o seu papel de popstar. No álbum **D; Ream On Vol. 1** (FXU/Magnet), vale dançar ao som de "U R The Best Thing" e curtir a nostalgia de "Glorious" – esta "falada" em português. Pop demais tanto para *clubbers* como para *indies*, ainda assim o grupo conseguiu atingir a um público enorme. E eles devem continuar fazendo isso.

2. Cena típica em um clube londrino: ouve-se os acordes iniciais de "Smells Like Teen Spirit" e vê-se o fastio entre os presentes. Mas espere... e este baixo, a voz, a batida? Hip hop?

Foi assim que o **CREDIT TO THE NATION** apareceu. "Call It What You Want", um rap furioso sobre racismo, pode ter usado o Nirvana como gancho, mas dali em diante o crédito coube a MC Fusion (um londrino de 18 anos que mistura rap, funk, ragga e rock). **Take Dis'** (One Little Indian), seu álbum de estréia, critica o *gangsta rap* americano, exige respeito às mulheres e, enfim, ainda cria um saboroso efeito pop.

3. Quem ouviu *Blue Lines*, do Massive Attack – em especial, "Unfinished Sympathy" – já conhece a voz de **SHARA NELSON**. Isso foi em 91. Após uma dolorosa separação (ela não teve os seus devidos créditos), ela se juntou ao P.M. Dawn e criou "Down That Road", parceria que rendeu o álbum **What Silence Knows** (Cooltempo), com harmonias vocais envoltas em arranjos suntuosos. *Anamaria Lemos*

ZONA FRANCA

O BURACO é mais EMBAIXO...

Courtney: a *riot grrl* com um pé no punk '77

Quando Kurt Cobain morreu, várias "carpideiras do grunge" apressaram-se em chamar a mulher do cara, Courtney Love, de "Nancy *(Spungen, namorada de Sid Vicious)* e Yoko Ono de Seattle" devido ao temperamento explosivo da cantora. Bobagem.

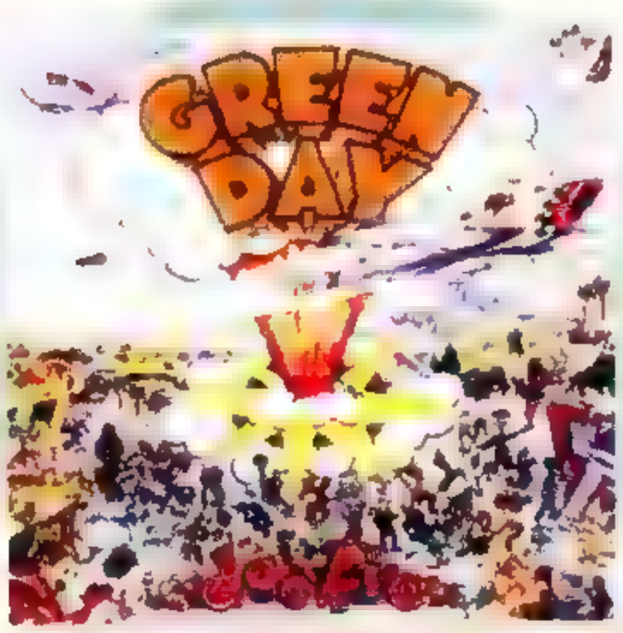
Antes mesmo do Nirvana vender milhões de discos, o **HOLE** já tinha um certo respeito no cenário alternativo americano. E, assim como a japa que tirou John Lennon dos Beatles, Courtney mostra em **Live Through This** (Geffen) que tem algo mais do que talento para causar confusões. São doze porradas certeiras, mas extremamente melódicas. Soa como uma mescla do movimento *Riot Grrrls* com as coisas mais pesadas feitas pela moçada do punk geração 77. As músicas – algumas com um falso início acústico – obedecem ao esquema introdução, refrão gritado, verso, refrão gritado e final esporrento, cheios de *riffs* detonados pelo guitarrista Eric Erlandson.

A voz de Courtney é um capítulo à parte. Embora algumas publicações insistam em compará-la com Joan Jett, Love vai mais além. Canta como se um ferro em brasa tivesse estraçalhando a sua garganta. As letras são

mais viscerais, detonando a burrice feminina (em "Miss World"), estupro ("Asking For It") e idolatria do rock ("Rock Stars"). Courtney ainda conta com colaboradore(a)s de primeira: K. Bjelland (guitarrisa e vocalista do Babes In Toyland) em "I Think That I Would Die" e J. Mascis (Dinosaur, Jr.), que mixou a faixa "Gutless".

SÉRGIO MARTINS

UM trio para FESTAS, outro PARA curtir UM bode



Dookie (Interscope/Reprise) é o terceiro e, na certa, o melhor álbum do trio californiano **GREEN DAY**. Os anteriores foram editados pelo selo independente Lookout, tão obscuro quanto o próprio grupo era até sair com este seu novo trabalho.

Eles fazem punk *bubblegum* e a entrada deste disco no terceiro lugar na parada de *college rock* foi mais do que merecida.

Explorando melodias e *riffs* de *skate rock*, na linha do Agent Orange e dos Descendents, a banda faz o tipo de som que você quer escutar em todo lugar com cara de festa.

Já Lou Barlow foi baixista do Dinosaur, Jr., mas quando este embarcou em uma *major*, ele achou melhor pular fora. Foi uma grande decisão, pois o grupo que o cara formou na seqüência – o **SEBADOH** – é magnífico.

Bubble And Scrape (Sub Pop) é um álbum poderoso. Muito turbulento para os ouvidos não iniciados nas experiências deste trio. Às vezes parece um Sonic Youth alucinado, mas em outras passagens os caras resgatam melodias com influências de Wishbone Ash, Creedence Clearwater Revival e Buffalo Springfield. Nas letras, o tema predileto de Barlow é o fim de relacionamentos – vide "Homemade" e "Think (Let Tomorrow Be)", ambas altamente indicadas para quem quer curtir um bode.

RODRIGO GUEDES

Tudo aconteceu baiano tem que ver.

Incluindo os sucessos:

Expresso 2222, Aquele abraço,

Toda menina baiana

e os inéditos

Sampa, A novidade e A paz.

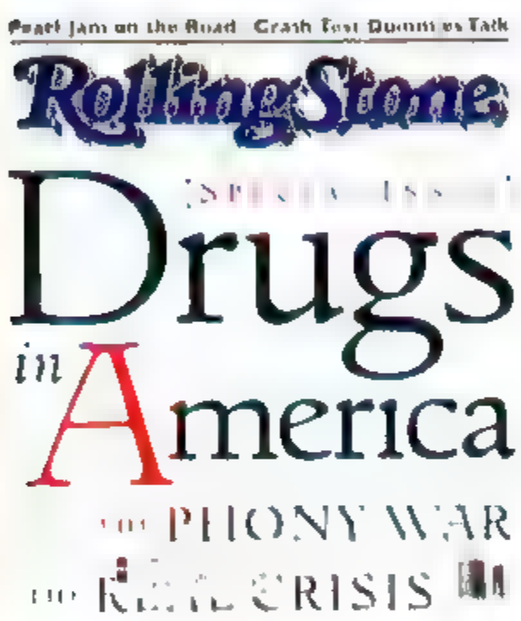
Gravação ao vivo do Acústico MTV. À venda em CD, LP, K7 e Home video. Lançamento Warner Music.

MIX

O balanço da mídia

Que droga!

O debate sobre a legalização de certas substâncias ilegais continua firme. A *Rolling Stone* dedicou toda a edição de 5 de



maio ao assunto. O tema se repetiria do outro lado do Atlântico, sob o título "The truth about drugs": a modernosa *i-D* inglesa, de maio, embarcou na previsão sobre quais novas e estranhas substâncias estarão sendo consumidas dentro de dez anos.

Os Monks estão à solta

O fenômeno dos monges beneditinos espanhóis, que estouraram na parada pop americana com seus cantos gregorianos, mereceu destaque na *Billboard* de 14 de maio. Não por causa da música, mas pela capa do disco lançado pela Angel/EMI, lá intitulado *Chant*. A gravadora Delos é acusada pela Angel de haver plagiado o fundo das capas e os tipos de letras em seus discos intitulados *Beyond*

Chant. A mesma *Billboard*, em sua edição de 21 de maio, dá destaque de capa para Jorge Benjor, que participou da festa de encerramento da 5ª Conferência Internacional de Música Latina, em Miami.

Tiros na Q

A revista Q de abril esbarrou na polêmica sobre Bob Marley na seção "Eyewitness" (Testemunha Ocular). Neville Garrick, artista plástico e amigo 24 horas do Rei do Reggae, conta o episódio do atentado em 77, uma história meio mal contada, que a BIZZ passou a limpo na edição de maio.

30 anos de Who

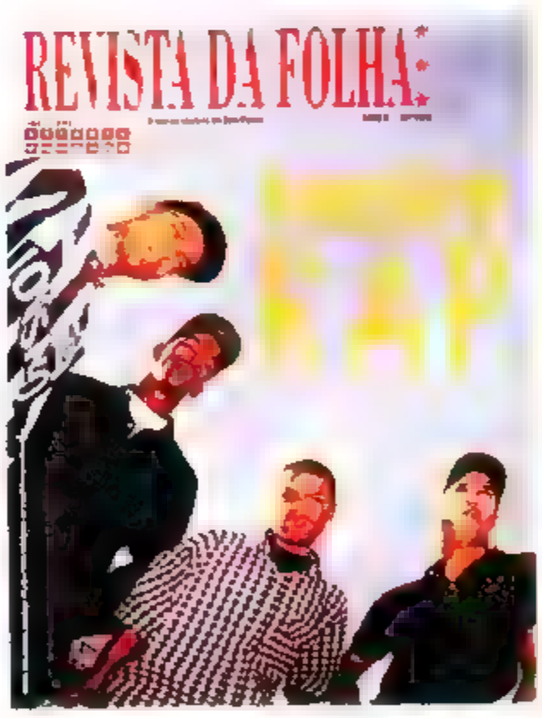
Trazendo na capa um Pete Towshend quando jovem, a especializada *Guitar World* de junho traz a história completa dos trinta anos do Who. Para quem quiser aprender como fazer aquelas guitarradas do Townshend, há uma lição com seus grandes sucessos.

Quem ainda agüenta o rock inglês?

Os Estados Unidos parecem que não. Segundo reportagem na *Musician* de junho,

intitulada "O Declínio e Queda do Rock Inglês", nos últimos cinco anos nenhuma banda britânica se deu bem no mercado americano. E a *Musician* vem com o papo de que a banda James é a última esperança daquela ilha no litoral da Europa...

Olha o rap!



Os raivosos Racionais MCs, ponta de lança do rap paulistano, começam a mostrar suas caras de mau na grande imprensa: o quarteto aportou na capa da *Revista da Folha* de 17 de abril, onde mereceu um extenso perfil. Daqui a pouco são capa da *Caras*....

Lu Gomes

ANGRA

Angels Cry

CD . LP

Gravado na ELDORADO

KURT COBAIN, 1967-1994

Fiquei chocada com a morte de Kurt Cobain. Seja qual for o motivo dele ter se suicidado – e nada justifica uma atitude tão radical –, sei que ele saberá que os fãs do Nirvana sentirão falta de suas músicas (que, apesar de simples, eram ótimas). Só espero que não apareçam "fãs instantâneos". Kurt não era um artista que precisasse morrer para ser reconhecido

Anônima
Diadema/SP

Ele conseguiu. Kurt virou mito. Engolido pelo sucesso repentino, não segurou a barra e meteu um balaço na cabeça. E eu pensava que sua loucura e paranóia não passavam de *marketing*. Já não se pode confiar em ninguém ...

Márcio Coelho
Cachoeiro do Itapemirim/ES

A super-exposição, o sucesso, os problemas – tudo o que houve em torno do Nirvana teve sua parcela na morte de Kurt. Sua mãe (que disse que agora ele fará parte do clube dos estúpidos) deveria ver se os estúpidos estão no rock. Será que os verdadeiros imbecis não estão na sociedade que cria regras, que consome e manipula as pessoas como objetos?

Adriano Moralis
São Bernardo do Campo/SP

Gostei de ler as oito páginas dedicadas a Kurt Cobain na BIZZ de abril, mas ainda tenho uma pergunta: onde estavam a família e os amigos quando ele precisou de apoio? Se Kurt era uma pessoa deprimida, que tentou se matar várias vezes, por que o deixaram só? Creio que todos estavam fartos dele. Aliás, Courtney teve o álibi perfeito: a promoção de seu novo disco, *Live Through This*.

Cristiane Arteaga
Porto Alegre/RS

OS SAUDOSISTAS CONTRA-ATACAM

Leio a BIZZ desde 86 e sou assinante há três anos. Comparando as edições antigas com as novas, constatei que a revista piorou muito, principalmente depois que adotou o "novo" visual. A qualidade das fotos (muito grandes, exageradas, fora de foco e com pretensões de "fotos de arte", mas sem nível para isso) caiu demais. A leitura ficou cansativa, confusa. Já que agora vocês têm menos páginas, por que não aproveitar melhor os espaços? Isso não significa reduzir uma seção ótima como *Jukebox* para meia página, ou acabar com as fichas. Comentem mais lançamentos, façam reportagens mais completas. Não quero dizer que a revista tem que ser "comportada", "contida", mas sim que deve ser mais informativa e útil. Olhem para o passado e vejam seus erros.

Sandra M. Fernandes
São José dos Campos/SP

Por favor, nada de bolor: não tem sentido a revista continuar fiel aos leitores dos "saudosos tempos" e perder o bonde da história. Quanto a buscarmos mais informação e utilidade, estamos inteiramente de acordo. É o que a revista vem fazendo há algum tempo

O "ESCROTO" DO PAUL McCARTNEY

Quem o senhor Celso Pucci pensa que é para chamar o gênio Paul McCartney de "escroto" (*Replay*, BIZZ 105)? Ele deveria estudar um pouquinho mais a história do rock dos anos 60. Será que ele sabe que, por causa de quem ele chama de escroto, os Stones foram contratados pela gravadora Decca? E que um dos primeiros sucessos dos Stones foi "I Wanna Be Your Man", dos Beatles? Não existe nada que os Beatles tenham feito que os Rolling Stones não tenham copiado seis meses depois.

Paulo André Reiners Terron
Jales/SP

Celso Pucci responde: *Meu caro, disse e repito que* Jump Back... *é uma coletânea dos Stones mais indicada para quem "tenha algo como 20 anos" – maioria entre quem lê a BIZZ. Não para "stonemaníacos velhos de guerra", carecas de conhecer as travessuras de "Franga", "Chapadão" & Cia. Aliás, Mick, Keith & Cia. podem até ser considerados "coroas bundões" pelos fãs de Pantera, Sepultura, Ministry e quejandos. Mas ainda encarnam melhor o espírito do rock'n'roll do que "escrotos" como McCartney e Phil Collins. Talvez até pela malandragem de se aproveitarem dos Beatles para subir na vida. PS: entre aspas, estão trechos do texto original.*

REGGAE NA BERLINDA

Acompanho *reggae music* desde os anos 80 (aliás, fui assinante da revista *Somtrês* porque conheci a coluna *Negra Melodia*, do jornalista Otávio Rodrigues). Desejava renovar minha assinatura da BIZZ, mas pressenti uma redução nas matérias de reggae. Quando comprei a edição de março, tive certeza de que a discriminação contra esse tipo de música continua: um babaca anunciou o fim das colunas *Reggae Times* e *Hip Hop Hurra!* É o fim da picada, meu!

Romariz Elias
Maceió/AL

O produto aí em Maceió está de primeira, hein, Romariz? Senão, vejamos: o fim das colunas Reggae Times e Hip Hop Hurra! *não determinou o fim desses gêneros nas páginas da BIZZ - pelo contrário, o que não queremos é deixá-los no gueto, confinados como animais no zoológico. Mas isso já estava explicado: você é que viajou. A propósito, o "babaca" que acabou com as colunas é Otávio Rodrigues, editor-chefe da BIZZ e... Ora, ora, o mesmo cara que escrevia aquela tal de* Negra Melodia! *Cá entre nós, Rasta Rom, você só compra revista pra ver as fotos?*

AS PREFERÊNCIAS DE RIVER PHOENIX

Fiquei decepcionada com a BIZZ, uma revista que só mostrava a verdade. A razão? A matéria que chamou o River Phoenix de gay. Não sei quem assinou tal nota, mas deve ter sido um jornalista do *Notícias Populares (jornal sensacionalista paulistano)*. Em sete anos de leitura de BIZZ, nunca vi uma notícia tão escabrosa quanto essa.

Anônima
Campo Belo/MG

Qual o problema em dizer que o cara era gay? Isso te incomoda, Anônima?

ESCREVAM: A GENTE RESPONDE

Gostaria que vocês respondessem umas perguntas: 1) Em que mês e ano saiu o primeiro número da BIZZ? Quem estava na capa?; 2) A *Discoteca Básica* já focalizou Pink Floyd, Rush, Black Sabbath, Joy Division, Creedence Clearwater Revival e The Who? Em que números?; 3) Existe algum crítico da BIZZ formado em música ou que faça parte de banda? 4) O que aconteceu com a *Letras Traduzidas*?

Kleber Augusto Livramento
Fortaleza/CE

Por ordem: 1) O primeiro número da BIZZ saiu em agosto de 85, com Bruce Springsteen na capa; 2) Na Discoteca Básica: The Dark Side Of The Moon, *Pink Floyd (nº 20, março 87)*; Closer, *Joy Division (nº 23, junho 87)*; Willie & The Poor Boys, *Creedence Clearwater Revival (nº 45, abril 89)*; The Who Sell Out, *The Who (nº 59, junho 90)*, e Black Sabbath, *Black Sabbath (nº 69 abril 91)*; 3) *Da equipe de redação da BIZZ, o único "profissional das sete notas" é Celso Pucci, guitarrista dos 3 Hombres*; 4) A BIZZ Letras Traduzidas *já voltou às bancas. A revista sairá a cada dois meses.*

mtv brasil 94

manifesto mtv

O espaço para a nova música e últimas propostas de todas as tendências. A música de amanhã. Agora. Manifesto MTV. Com Fábio Massari. Segunda a sexta, 00:30 e 13:00. Na MTV.

PROMOÇÃO

PINK FLOYD EM NOVA YORK

Estes são os vencedores:

Gustavo Dean Gomes
São Paulo - SP

João Azevedo Abreu
Campinas - SP

A revista BIZZ e a SONY MUSIC vão levar os dois felizardos a Nova York, com tudo pago, para ver o show "The Division Bell", do Pink Floyd.

Confira as respostas do teste:

1 - David Gilmor
2 - Pink Anderson e Floyd Council
3 - *See Emily Play*, pela Fermata
4 - Bob Geldof
5 - *Radio K.A.O.S.*
6 - *Echoes*
7 - *Zabriskie Point*. A música é *Carefull With That Axe, Eugene*, que virou *Come on, Number 51, Your Time Is Up.*
8 - *Another Brick In The Wall*
9 - *The Wall*
10 - *A Momentary Lapse Of Reason*
11 - *Eclipse*
12 - Participaram do show *The Wall* em Berlim, em 1990.

PROMOÇÃO

BIZZ **Sony Music**

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor-chefe: Otavio Rodrigues
Editor especial Celso de Campos Pucci
Editor de arte: Renato Kovacs
Repórter Sênior: Ed Gomes
Editores-assistentes: Gabriela Dias, Helio Gomes, Sergio Martins
Diagramador: Flavio H. B. Vianna
Coordenador de produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondentes: Anamaria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboraram nesta edição – Texto André Barcinski, Arlon Segmar, Ayrton Mugnaini, Cecilia Mae, Celso Fonseca, Claudio Campos, Cristina Ruz (Nova York), Edmundo Barreiros, Fernando Naporano (Londres), Hagamenon Brito, Inaê Riveras, Jeferson de Souza, Jim Joe, José Augusto Lemos, Juliana Parato, Marcio Gaspar, Paulo Cavalcanti, Robert Hatoun, Rodrigo Gueiros, Sergio Barbo. **Fotos:** Andre Sader, Armando Prado, Claudio Esabetsky, Fred Jordão, Jorge Rosemberg, Luciana da Justa, Rose Masaki, R. Mendes, Sergio Neda. **Ilustrações:** Eli Sumida, Mariangela, Sang Won Sung

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Antonio Palomares, Fabio Gomes, Ricardo Santos.
Contatos: Ana Lucia Bertoia, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochizuki, Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Peressinoto, Igor Assan, Jose Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arovaldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gal Ponson.
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Doria Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649** edição 0, junho de 1994) **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 815-8866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 81878, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160, 15º andar, salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0513, fax (021) 532-1468, CP 486. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jornalística de Publicações Ltda., Quinta Piloto, Varas, Azinhaga dos Fetais, 268, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o proponente assinante, implicará restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista.

Numeros atrasados: ao preço da última edição em banca **ANER** por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril IVC de sua cidade. Disponibilidade no país pela DINAP
Serviço ao assinante: tel. 011 823 9222

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Grafcolor, Proposta Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

BERMUDÃO (BMD)
COM BOLSO LATERAL

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS !

Stamp Rock Wear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

CAMISETA ESPECIAL (TE)

ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

TE 56 | TE 46 | TE 42 | TE 58 | TE 43 | TE 51

TE 55 | TE 54 | TE 57 | TE 44 | TE 52 | TE 47 | TE 48

TE 50 | TE 49 | TE 53 | TE 39 | TE 36 | TE 34 | TE 26

OVR - 11 | OVR - 12 | OVR - 13 | OVR - 14

Stamp overprint

ESTAMPA TOTAL (OVR)
FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

OVR - 3 | OVR - 2 | OVR - 5 | OVR - 6 | OVR - 7

PREÇOS

MANGA CURTA(MC)	- 12 URV'S
MANGA LONGA(ML)	- 15 URV'S
CAM. ESPECIAL(TE)	- 18 URV'S
CAM. OVERPRINT(OVR)	- 22 URV'S
BERMUDÃO(BMD)	- 18 URV'S

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

BIZZ 106

NOME _____

END. _____

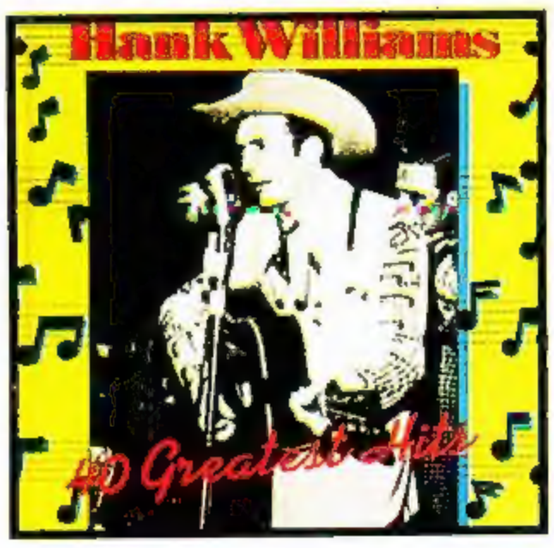
CEP _____ CID. _____ EST. _____

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEORX) P/:
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGENCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

D B

discoteca básica



HANK WILLIAMS
40 Greatest Hits

PERFORMANCE

Lançamento 1978 ■ **Produção** Fred Rose/Wesley Rose ■ **Faixas** "Move It On Over" • "A Mansion On The Hill" • "Lovesick Blues" • "Wedding Bells" • "Mind Your On Business" • "You're Gonna Change (Or I'm Gonna Leave") • "Lost Highway" • "My Bucket's Got A Hole On It" • "I'm So Lonesome, I Could Cry" • "I Just Don't Like This Kind Of Living" • "Long Gone Lonesome Blues" • "My Son Calls Another Man Daddy" • "Why Don't You Love Me?" • Why Should We Try Anymore?" • "They'll Never Take Her Love From Me" • "Moanin' The Blues" • "Nobody's Lonesome For Me" • "Cold, Cold Heart" • "Dear John" • "Howlin' At The Moon" • "I Can't Help It (If I'm Still In Love With You)" • "Hey, Good Lookin'" • "Crazy Heart" • "(I Heard That) Lonesome Whistle" • "Baby, We're Really In Love" • "Ramblin' Man" • "Honky Tonky Blues" • "I'm Sorry For You, My Friend" • "Half As Much" • "Jambalaya (On The Bayou)" • "Window Shopping" • "Setting The Woods On Fire" • "You Win Again" • "I'll Never Get Out Of This World Alive" • "Kaw-Liga" • "Your Cheatin' Heart" • "Take These Chains From My Heart (And Set Me Free)" • "I Won't Be Home No More" • "Weary Blues For Waiting" • "I Saw The Light" ■ **Formatos** Disponível como CD duplo nos EUA, na Inglaterra e na Alemanha.

Reprodução

Hank em ação, ladeado pelo grupo The Oaklahoma Wranglers, que o acompanhou em suas primeiras gravações

Como Elvis Presley, Hank Williams é uma figura suprema da cultura americana. Através dele, o country chegou à era moderna. Hank foi um dos pioneiros do rock, tanto na sonoridade como no comportamento.

Até ele chegar, a música caipira americana era restrita ao consumo da população pobre do sul dos Estados Unidos. Ao descrever as tristezas e as desgraças do homem comum, Williams capturou a imaginação do país inteiro em suas canções. Além disso, ele foi criado no meio do blues e a mistura da música negra com o som folclórico dos brancos resultou em algo totalmente novo.

Hiram "Hank" Williams nasceu em 17 de setembro de 1923, na cidade de Monte Olive, Alabama. Atravessou uma infância miserável e descobriu que a única maneira de não passar fome era tocar o seu violão em lugares que rendessem algum dinheiro. Depois de ganhar boa experiência no sul do país, ele seguiu para Nashville, a capital da música country. Foi lá que, em 47, assinou com a gravadora MGM e conseguiu lançar seu primeiro compacto: "Move It On Over".

Esta canção foi um marco. Basta dizer que "Rock Around The Clock", lançada sete anos depois por Bill Haley And His Comets" – e considerada por muitos o ponto de partida do rock'n'roll – era decalcada nesse primeiro sucesso de Hank. Em "Move It On Over", já dava para sentir tudo o que viria a ser o chamado rockabilly: a estrutura do blues, o ritmo frenético do *honky tonky* caipira e o violão ágil, cobrindo todos os espaços.

A partir daí, Hank não parou mais de estourar com músicas como "Lovesick Blues", "Jambalaya (On The Bayou)", "Cold, Cold Heart", "I'm So Lonesome, I Could Cry", "Your Cheatin' Heart" e outras.

Mas o sucesso não acalmou Hank, um cara difícil, quase intratável e dado a crises de temperamento. Pior: alcoólatra irrecuperável e viciado em *speed* (anfetamina). Arrumava brigas, faltava aos shows e conseguiu ser banido do *Grand Ole Opry*, o programa de rádio de maior prestígio em Nashville.

Finalmente, na véspera do Ano Novo de 53, Hank Williams foi encontrado morto no banco traseiro de seu Cadillac, pouco antes de ir fazer um show em Ohio. A causa oficial apresentada foi um ataque cardíaco. No funeral, 25 mil pessoas choraram em frente ao seu caixão. Ironicamente, a música dele que estava nas paradas da época se chamava "I'll Never Get Out Of This World Alive" ("Eu Nunca Deixarei Este Mundo Vivo").

O "cowboy errante" tornou-se um dos primeiros a falar sobre a poeira na estrada interminável e da derrota como uma lição a ser aprendida. O seu estilo "viva rápido e morra jovem" virou norma no rock'n'roll. E as canções dele foram determinantes nas carreiras de artistas tão diversos como Jerry Lee Lewis, Ray Charles, Tony Bennett, Del Shannon, Creedence Clearwater Revival, Linda Ronstadt e muito mais gente que vasculhou o catálogo do cara em busca de hits ou de inspiração. Sem contar que seu filho (Hank Williams, Jr.), continuou o trabalho do velho e também se tornou superastro do country. *PAULO CAVALCANTI*

BOO-YAA VISION

IN FULL EFFECT !

ART DIR HECTOR HUNGRIA / FOTO SHOT! HOT! TRIP!

VISION STREET WEAR

SÃO PAULO - R. Bom Pastor, 1515 - tel. (011) 274-4188 **JUIZ DE FORA** - R. Marechal Deodoro, 444 - lj.233 **GOIÂNIA** - Av. T7 nº 260 - sala 13 **LONDRINA** - R. Tupi, 223 - lj. 12 **JACAREÍ** - R. Barão de Jacarei, 155. **FRANCHISING** - (011) 274-4188

SETE SETE CINCO

PRONTA ENTREGA: (011) 826-4288 PHOTO: TRIPOLLI